



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

REGINA LÚCIA DOS SANTOS PORTELA

**LIÇÕES DE MARISCAR E ITINERÂNCIAS DE APRENDER:
A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA CONSTRUINDO A
FORMAÇÃO**

**Salvador
2014**

REGINA LÚCIA DOS SANTOS PORTELA

**LIÇÕES DE MARISCAR E ITINERÂNCIAS DE APRENDER:
A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA CONSTRUINDO A
FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Uilma Rodrigues de Matos

Co-orientadora: Prof^a Claudia Roza Sandoval

**Salvador
2014**

REGINA LÚCIA DOS SANTOS PORTELA

**LIÇÕES DE MARISCAR E ITINERÂNCIAS DE APRENDER:
A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA CONSTRUINDO A
FORMAÇÃO**

Trabalho de graduação aprovado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Profª Drª Uilma Rodrigues de Matos

Prof. Dr. Álamo Pimentel

Profª Claudia Rozo Sandoval

Salvador, ____ de _____ de 2014

Dedico este trabalho a todas as mulheres que me acompanharam nesse meu percurso de aprendizagem durante o curso de Pedagogia na UFBA, especialmente a Uilma pelo riso e sabedoria, a Claudia pelo sotaque e teoria e as marisqueiras do Recôncavo da Bahia, em especial as marisqueiras de Passé Candeias, por nos ensinar o tempo das coisas.

O conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações.

Paulo Freire

RESUMO

Refletir a formação dos estudantes de graduação na perspectiva de superação dos desafios que a sociedade contemporânea apresenta, significa pensar uma formação profissional comprometida com os processos de mudanças. Este trabalho configura-se como uma pesquisa qualitativa que pretende analisar o lugar da extensão na formação universitária, discutindo o ensino superior como um processo acadêmico que não pode ser dissociado em seus aspectos formativos, ou seja, do ensino, assim como na geração de novos conhecimentos científicos e tecnológicos efetivados pela pesquisa. A partir de um Projeto de Extensão, Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade, ACCS, desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, FAGED/UFBA, em comunidades de mulheres trabalhadoras da pesca artesanal na região do recôncavo baiano, foi possível entender em suas ações a formação de estudantes de graduação enquanto atuação sócio educacional em comunidade e produção de conhecimento. Tendo como perspectiva os aportes da “ecologia de saberes”, tal experiência oportunizou a criação de uma rede de saberes político-pedagógica entre demandas docentes, discentes, da universidade e comunidade. Sob esse viés tornou-se possível discutir a formação universitária e seus significados como processos de construções de aprendizagens na dinâmica da vida social. Possibilitou refletir a vinculação do exercício profissional à realidade em comunidades, como também entender a produção do conhecimento na dimensão pluriversitária, desestabilizando a cadeia hierárquica produzida nas universidades em relação ao conhecimento, caminhando na direção de outros/novos saberes. Os aspectos conclusivos ampliam a discussão acerca da extensão universitária como uma possibilidade capaz de vincular à responsabilidade social da universidade a formação de seus estudantes, uma formação mais humana e social.

Palavras-chave: Extensão universitária. Comunidades de saberes. Formação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Encontro de estudantes com presidente da colônia de pescadores	45
Figura 2	Reunião com as marisqueiras	45
Figura 3	Marisqueiras construindo a mandala	47
Figura 4	Marisqueiras construindo a mandala	47
Figura 5	Tábua de confeccionar renda “andutil”	47
Figura 6	Mandala das marisqueiras de Passé	48
Figura 7	Varal da escrita do nome	51
Figura 8	O mar de Passé	53
Figura 9	Estudantes chegando a comunidade de Passé	54
Figura 10	Marisqueiras na “coroa” em Passé	55
Figura 11	Estudantes e marisqueiras em ação na oficina de mariscar	56
Figura 12	Estudantes e marisqueiras no mangue de Passé	58

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCS – Ação Curricular em Comunidades e em Sociedades
BI – Bacharelado Interdisciplinar
CAPEX – Conselho Acadêmico de Pesquisa e Extensão
CBEU - Congresso Brasileiro de Extensão Universitária
CCE – Coordenação Central de Extensão
CRUTAC – Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária
FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão
GEPECS – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Sociedade
IES – Instituição de Ensino Superior
IFES – Instituição Federal de Educação Superior
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério da Educação e Cultura
PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional
PNExt – Plano Nacional de Extensão
PROEXTE – Programas de Extensão
PROEXT – Pro Reitoria de Extensão
SESu – Secretaria de Educação Superior
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNE – União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	ITINERÂNCIAS DA EXTENSÃO E A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA	13
2.1	UM TRAÇADO HISTÓRICO DA EXTENSÃO NO BRASIL	13
2.2	A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFBA E A AÇÃO CURRICULAR EM COMUNIDADE E EM SOCIEDADE - ACCS	17
2.3	AS TRILHAS E OS CAMINHOS DA EXTENSÃO	23
3.	A UNIVERSIDADE E O MANGUE: TROCA DE SABERES E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA EM COMUNIDADE	28
3.1	INSERÇÕES DA UFBA NO MANGUE, UMA PRÁTICA DA EXTENSÃO	28
3.1.1	Tecnocultura e o saber fazer	37
3.1.2	A etnopesquisa como inspiração para atividades de extensão	38
3.1.3	O feminino da maré nas teorias feministas	40
3.1.4	A memória e narrativa como dispositivo de empoderamento	42
4	POSSIBILIDADES REFLEXIVAS DA EXTENSÃO	44
4.1	O SENTIDO PEDAGÓGICO DA MANDALA COMO INTERESSE DE APRENDIZAGEM	44
4.2	A ESCRITA COMO RECONHECIMENTO DE IDENTIDADE	49
4.3	ENCANTOS DE MARISCAR, UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO APRENDIZAGEM	52
	ASPECTOS CONCLUSIVOS	59
	REFERÊNCIAS	61
	ANEXOS	65

1 INTRODUÇÃO

A Extensão Universitária e sua relação com a formação passou a ter um significado para além de um componente a ser vivenciado no meu curso de Pedagogia, quando fui selecionada como bolsista no Programa de Extensão Universitária *Maré de Saberes* da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA). Este Programa pautava-se como diretriz fundamental o atendimento às demandas sociais de aprendizagem de mulheres pescadoras e marisqueiras de quatro municípios do Baixo Sul e seis do Recôncavo Baiano.

A cada visita, a cada comunidade, ouvindo e convivendo com as mulheres marisqueiras, fui me identificando, em cada uma dessas mulheres, trabalhadoras, mães e filhas. Dentre tantas experiências vividas fui me percebendo como pesquisadora, educadora e aprendiz, consolidando cada vez mais o lugar da Educação em minha vida.

Atuar como educadora em comunidades invisibilizadas pela falta de assistência das políticas públicas mais essenciais como saúde e educação, por exemplo, me fez lançar um novo olhar para a minha formação profissional em pedagogia e seu papel para além das salas de aula nos processos de desconstrução das desigualdades, premissa básica para reconhecer que nenhum tipo de diferença deve servir de pretexto para todo e qualquer tipo de relação desigual entre os seres humanos e principalmente quando essa relação é estabelecida pelo binômio saber/poder.

Na trilha desta reflexão Paulo Freire (1983) já enfatizava a necessidade de uma formação profissional comprometida com os processos de mudanças em que fosse possível redimensionar as relações sociais estabelecidas, pois ainda segundo Freire (p.50):

[...] no momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram, sua percepção muda, embora isso não signifique, ainda, a mudança da estrutura. Mas a mudança da percepção da realidade, que antes era vista como algo imutável, significa para os indivíduos vê-la como realmente é: uma realidade histórico-cultural, humana e que pode ser transformada.

Logo, a dimensão adquirida pelas atividades de extensão universitária, devido a sua característica peculiar em dialogar com outros universos além do acadêmico,

é defrontar-se com um dos maiores desafios da Educação Superior - a formação para a cidadania, visto que implica no desenvolvimento de saberes que dialoguem com a sociedade atualizando seus mecanismos de funcionamento em suas demandas tecnológicas, políticas e sociais.

Pensar a formação universitária para a cidadania, significa pensar o ensino, a pesquisa e a extensão sob novas concepções, rompendo com os paradigmas tradicionais em que preconizavam uma formação dissociante do saber, fazer e sentir implica associar a pesquisa acadêmica científica a uma demanda localmente definida e em contextos socialmente demandantes, afastando-se da pesquisa pura e aproximando-se da pesquisa aplicada, em contextos relevantes socialmente. Faz-se ensino, pesquisa e extensão ao mesmo tempo quando o processo de produção do conhecimento envolve o saber científico e os saberes produzidos socialmente com a participação da comunidade e da sociedade. Sendo assim, espera-se que a extensão universitária, hoje, se posicione como espaço de formação humana efetivando a indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão, levando ao aluno universitário uma melhor visão do seu percurso formativo profissional.

Esta pesquisa justifica-se por refletir a extensão universitária e seu papel na formação dos estudantes de graduação, a partir de um Programa de Extensão desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, em comunidades de mulheres trabalhadoras da pesca artesanal, considerando-a como um processo acadêmico que não pode ser pensado desvinculado do processo de formação, ou seja, do ensino, assim como na geração de novos conhecimentos científicos e tecnológicos efetivados pela pesquisa.

Para tanto se pretende ter como cenário o componente Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS) Práticas Educativas em EJA e Desenvolvimento Humano, em Comunidades Tradicionais: Marisqueiras de Passé Candeias, em que se efetivou como um processo educativo, cultural e científico capaz de possibilitar uma relação de aprendizagem entre alunos e uma comunidade de pesca tradicional.

Nesse sentido torna-se importante entender as perspectivas da extensão na sua função acadêmica dentro da universidade e para a sociedade contemporânea, como uma ação implicada com a formação incorporada na sua dinâmica relação interdisciplinar, estabelecendo assim, o elo de integração do pensar e fazer, na relação teoria-prática na produção do conhecimento.

A pertinência desta pesquisa evidencia-se por refletir a extensão universitária em suas atividades como fundamental para a formação universitária diante das demandas sociais contemporânea no enfrentamento das desigualdades, evidenciando não apenas a missão social da Universidade de formar profissionais competentes, mas, cidadãos comprometidos com a sociedade na qual vivem, críticos, porém, não menos sensíveis e humanos.

A proposta metodológica desta pesquisa é de natureza qualitativa, o que possibilita o olhar sob diversos focos de análise, através da multiplicidade de vertentes em busca da obtenção de informações que enriquecerão a pesquisa proposta. A pesquisa qualitativa evidencia-se transdisciplinar epistemologicamente ao fugir da análise dicotômica dos fenômenos, ao passo que assume um caráter inconclusivo visto que,

[...] tudo o que é qualidade é sempre resultante de fluxos intencionais complexos e flutuantes, suscetíveis a mudanças inesperadas, caracterizando a necessidade de uma definição específica do campo das qualidades que se apresentam em sentido, isto é, que se encontram estruturadas em infinitas ramificações intencionais já condicionadas e reunidas em feixes que consolidam novas individuações. (MACEDO; GALEFFI; PIMENTEL, 2013, p.36)

Na primeira parte deste trabalho será realizada uma revisão documental em que registra o percurso da extensão universitária nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) no Brasil a partir do século XX, possibilitando refletir acerca dos processos políticos, administrativos e pedagógicos e as inter-relações ocorridas na educação superior brasileira.

No segundo momento pretende-se seguir a pista teórico-epistemológica com o objetivo de promover um olhar diferenciado da extensão universitária e o seu lugar em relação a produção do conhecimento na universidade, ampliando a discussão na perspectiva da relação do conhecimento sob a ecologia do saber.

O relato da experiência de uma extensão universitária apresenta-se como uma estratégia metodológica ao optar-se pelas narrativas dos estudantes envolvidos, evidenciando os processos pelos quais esta extensão se desenvolveu materializando o conceito de extensão e suas políticas em seu contexto teórico metodológico contribuindo para ampliar a reflexão sobre os aspectos que implicam a formação universitária na contemporaneidade.

A área de extensão vai ter no futuro próximo um significado muito especial. No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a universidade e, de fato, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (com implicações no curriculum e nas carreiras dos docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às universidades uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural.

Boaventura de Souza Santos

2 ITINERÂNCIAS DA EXTENSÃO E A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Este capítulo pretende apresentar um breve histórico cronológico da Extensão Universitária nas Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil, visando compreender as políticas nacionais que a engendraram e como se efetivou tal processo. A partir de uma revisão documental coletada através de instrumentos legais que regem a educação brasileira, pretende-se visualizar as Políticas de Extensão ao longo do século XX, suas transformações e seu impacto na formação universitária contemporânea.

Ao apresentar os processos históricos da extensão universitária na Universidade Federal da Bahia desde o início de suas atividades até os dias atuais, pretende-se entender as ações desenvolvidas por esta universidade diante do efeito que as políticas educacionais nacionais impactaram no Ensino Superior na Bahia, buscando contextualizar tais fatos ao tema dessa pesquisa.

2.1 UM TRAÇADO HISTÓRICO DA EXTENSÃO NO BRASIL

A primeira referência legal que se tem da Extensão Universitária no Brasil data do ano de 1931, no Estatuto da Universidade Brasileira com o Decreto Federal n.º

19.851, em que é indicada a sua função de divulgar os conhecimentos produzidos na academia, vinculada aos interesses do governo,

[...] effectivada por meio de cursos e conferencias de caracter educacional ou utilitário, [...]destinam-se principalmente á difusão de conhecimentos uteis á vida individual ou collectiva, á solução de problemas sociaes ou á propagacção de idéas e principios que salvaguardem os altos interesses nacionaes. [...] em condições que os façam accessiveis ao grande publico. (BRASIL. 1931. Art. 42 § 2º)

Somente em 1935 que a Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, entende a Extensão como “espaço de promoção de cursos isolados e autônomos.” (p.226), no entanto é com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) promulgada em 1961 (Lei n.º 4.024), que a Extensão Universitária é designada a oferecer cursos de especialização, aperfeiçoamento e extensão, “aberto a candidatos externos”. (PNEU, 2012, p.226)

Entre os anos de 1960 a 1964, em meio a efervescência política e social que envolvia o país, emergem propostas para uma reforma universitária, promovidas pela União Nacional dos Estudantes (UNE), defendendo uma Universidade comprometida com as classes populares, destacando a Extensão em seu papel de estabelecer essa ponte entre Universidade e comunidade. (PNEU, 2012)

Neste bojo é criado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC¹), pelo Reitor Onofre Lopes, com a intenção de promover a atuação do estudante universitário nas comunidades rurais da região. Dois anos depois, em 1968, o governo federal cria o Projeto Rondon².

Sob a chancela do Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 1970 o CRUTAC é expandido para todo o território nacional, cinco anos depois é elaborada

¹ Posteriormente foi também implantado no Maranhão. Caracterizado como estágio, inicialmente na área de saúde, para os estudantes que estivessem concluindo seu curso foi absorvido pelo regime imposto ao Brasil em 1964, o qual procurou implantá-lo em outras universidades do país. Em 1978, com base nas avaliações, a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis resolveu interromper a experiência do CRUTAC. (ALMEIDA, 2011)

² Instituído pelo governo militar esse programa apresentava-se desvinculado das instituições universitárias, visto que se tratava de uma proposta incorporada ao ideal de desenvolvimento e segurança nacional em que os estudantes eram convocados ao trabalho assistencial comunitário em áreas rurais assumindo o papel meramente de executores. Em 1989, extingue-se o Projeto Rondon, sendo resgatado pelo governo Luiz Inácio Lula da Silva, em 2005. (NOGUEIRA. 2001)

a primeira “Política de Extensão Universitária no Brasil”, o que provocou debates e disputas ideológicas entre o MEC e as universidades, visto que as características assumidas por esses programas de extensão configuravam-se assistencialistas e o seu caráter de voluntariado colocava os estudantes a serviço da ideologia e da máquina do estado. (BRASIL, PNExt, 2011-2020)

Em final da década de 1980 é criado o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) com o intuito de promover debates e reflexões acerca da Extensão em Instituições de Ensino Superior públicas, um espaço de interlocução com o MEC, as Universidades e a comunidade para o estabelecimento de uma Política Nacional de Extensão pautada no princípio da “transformação da Universidade Pública, de forma a torná-la um instrumento de mudança social em direção à justiça, à solidariedade e à democracia.” (BRASIL, MEC/SESu, 2006, p.4)

Desde então o FORPROEX vem buscando construir uma política nacional de extensão pactuada pelas instituições públicas de ensino superior tendo como documento referencial o Plano Nacional de Extensão (PNExt) que estabelece diretrizes para a Extensão Universitária no Brasil.

Nos anos de 1990, iniciaram os diálogos entre o FORPROEX e a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC) com o fito de implementar as diretrizes políticas de fomento aos Programas de Extensão (PROEXTE), o caminho para o fortalecimento da integração do ensino-pesquisa-extensão parecia finalmente materializar-se; no entanto, cabe aqui ressaltar que mesmo vigorando a Lei nº 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em que explicita o papel das Instituições de Ensino Superior (IES) em difundir os benefícios acadêmicos adquiridos internamente para a comunidade ao

[...] promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. (BRASIL.LDB,1996. inciso VII do art. 43)

O MEC suspende o envio de recursos aos Programas de Extensão, inviabilizando a manutenção dos programas existentes como também o início de outros, configurando-se um retrocesso nas políticas de extensão em todo o território nacional.

Mesmo sem incentivos por parte dos órgãos do governo o FORPROEX, seguiu suas reuniões anuais com seus pro reitores de extensão, empreendendo esforços pela institucionalização da Extensão como também pela sua indissociabilidade do ensino e da pesquisa, reivindicando recursos das agências de fomento, como também a flexibilização curricular com vistas a um currículo dinâmico e inovador.

Segundo o professor Álamo Pimentel (2013) o esforço das universidades públicas brasileiras em consolidar as interações da universidade com a sociedade ainda encontra entraves internos,

Tal condição está relacionada à dureza das estruturas internas das universidades na organização das suas instancias de gestão administrativas e acadêmicas [...] Alguns dos resultados destas distorções têm sido a banalização das práticas extensionistas [...] assim como o desconhecimento do estatuto acadêmico da extensão e a diluição do compromisso social das universidades através da massificação de ações de caráter pontual e compensatório na relação com a sociedade” (PIMENTEL, 2013, pp.325-326)

Com o intuito de superar tais desafios é que desde a formalização do Plano Nacional de Extensão Universitária (PNExt.) em 1999 que os Pró-Reitores de Extensão, visando ações concretas rumo ao ideal em dispor a Universidade Pública, “um instrumento de mudança social em direção à justiça, à solidariedade e à democracia” inicia a formatação de uma Política Nacional de Extensão Universitária a partir de discussões amplas e participativas e que foi aprovada no XXXI Encontro Nacional, realizado em Manaus (AM), em maio de 2012. Constituindo “uma referência nacional para o debate sobre a Extensão Universitária e sua (re) construção e aprimoramento contínuos.” (BRASIL, PNExt, 2011-2020, p. 5)

A Política Nacional de Extensão, pactuada pelas Instituições Públicas de Ensino Superior, encontram no seu documento referencial, o Plano Nacional de Extensão – PNExt. – o estabelecimento de diretrizes para a extensão universitária. Segundo o PNExt, essas diretrizes são expressas em quatro eixos: *impacto e transformação; interação dialogada; interdisciplinaridade; e indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão*. Esses quatro eixos deverão ser pensados de modo articulado e sustentável de forma que suas ações sejam integradas passando a ser regida

[...] sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. (BRASIL, PNEExt, Art. 2º, 2011-2020)

Ampliando assim, a dimensão tradicional de apenas disseminar o conhecimento, prestar serviços ou difundir a cultura, para firmar-se como um instrumento em permanente relação com a comunidade externa, uma relação vital para a produção do conhecimento que se efetiva pela troca de saberes via participação da comunidade em e com a universidade, possibilitando confrontar as realidades em busca da democratização do conhecimento.

Sob esta perspectiva, a extensão assume a função de produção e socialização do conhecimento com vistas a uma intervenção na realidade, estabelecendo vínculos de participação e responsabilidades entre universidade e comunidade externa de modo a assegurar “valores democráticos de igualdade e desenvolvimento social” (BRASIL, PNEExt, 2011-2020, p. 3)

2.2 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFBA E A AÇÃO CURRICULAR EM COMUNIDADE E EM SOCIEDADE - ACCS

A história da Extensão Universitária transversa também sobre a história da Universidade Federal da Bahia, mesmo porque a primeira referência em ensino superior no Brasil tem seu começo em 18 de fevereiro de 1808, com a Escola de Cirurgia da Bahia, instituída pelo Príncipe Regente Dom João VI. Algum tempo depois passa a incorporar os cursos de Farmácia (1832), Odontologia (1864), a Academia de Belas Artes (1877), Direito (1891) e Politécnica (1896). No século XX é criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1941).

A partir de 1946 inicia o seu processo de federalização, rumo a uma universidade integrada: Artes, Letras, Humanidades e Ciências. Sendo reconhecida como universidade em 1950. Sob o reitorado de Edgard Santos entre 1946 a 1961, a

UFBA floresceu nas áreas de artes, humanidades e saúde, participando ativamente dos movimentos mais significativos da política educacional no Brasil³.

As questões políticas relativas à extensão universitária também afetaram a UFBA ao longo de sua história, quando esta se resumia a prestação de serviços a comunidade, além de cursos, eventos e concursos sob a gerência de uma Coordenação Central de Extensão, pautada pelas políticas vigentes.

A partir de 1979 é criada a Pro Reitoria de Extensão (PROEXT) da UFBA que também participa dos encontros iniciais do FORPROEX, somando esforços em construir e fortalecer os conceitos idealistas da extensão universitária. Apesar das dificuldades político-estruturais impostas ao ensino superior durante quase toda a década de 1990, as atividades extensionistas passam a ser remodeladas conceitualmente, tornando inevitável o compromisso com a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, como também da sua institucionalização. (SILVA, 2011)

Ainda segundo Silva (2011), partir do IV Seminário de Extensão, ocorrido em 1996 é criado o projeto *UFBA em Campo*⁴, com o intuito de agregar propostas interdisciplinares e uma interlocução mais próxima com as comunidades, um marco na mudança de concepção da universidade nas relações de produção e reprodução do conhecimento já que buscou priorizar o diálogo entre a universidade e as comunidades.

Mesmo com pouco recurso financeiro que atravessou todo o final do século XX, o *UFBA em Campo*, conseguiu manter o compromisso social de trocar saberes entre a Universidade e a Sociedade, articulando estudantes e professores das mais diversas áreas do conhecimento no desenvolvimento de ações multidisciplinares em interação com a realidade, consolidando-se como um divisor de águas rumo a uma nova concepção da extensão para as universidades públicas brasileiras “a serviço

³ Informação disponível em: <https://www.ufba.br/historico>

⁴ Tendo como objetivo principal agregar todos os projetos de extensão que já existiam na UFBA, alguns desde de 1980, dentre eles:

AISAM- Projeto Avaliação do Impacto do Saneamento Ambiental em Áreas Pauperizadas de Salvador.

CANSANÇÃO- No Semi-Árido baiano visava o desenvolvimento de estudos e ações no semi-árido do Nordeste da Bahia.

NEIM- Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher.

PROEXTE- Programa de Fomento à Extensão Universitária.

UNI- Uma Nova Iniciativa na Educação dos Profissionais da Saúde.

de um processo transformador emancipatório e democrático do conhecimento [...]” (SILVA, 2011, p.88)

No ano de 2001 o projeto *UFBA em Campo* amplia suas ações ao criar o componente curricular optativo *Atividade Curricular em Comunidade (ACC)*. Sendo que no ano de 2003 passou a ser oferecido para todos os currículos de graduação ganhando mais espaço na sociedade, agora denominado *Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS)* - no ano de 2013 passou a ser aproveitado para integralização curricular dos cursos de graduação e pós graduação.

De acordo com a Resolução Nº 01/2013 do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal da Bahia, o ACCS constitui um processo educativo, cultural e científico, uma parceria de estudantes/professores com grupos comunitários, que visa promover experiências de extensão, o intercambio, a reelaboração e a produção de conhecimento científico.

Caracteriza-se como uma atividade pedagógica, sendo possível articular ensino/pesquisa e sociedade, contribuindo na formação da cidadania profissional dos estudantes. Tem como objetivo, também, construir oportunidades de interação entre a comunidade e a Universidade contribuindo com a identificação, análise e enfrentamento de seus problemas.

Oportuniza aos estudantes, com a orientação de professores, o desenvolvimento de práticas pedagógicas de intercâmbio de saberes e fazeres entre a Universidade, a comunidade e a sociedade. A fim de promover meios de intervenção em realidades específicas, a disciplina ACCS elabora, cooperativamente, levantamentos, pesquisas de campo, diagnósticos, projetos e colabora no encaminhamento de identificação de problemas. (Resolução CONSEPE 01/2013)⁵

O ACCS, como componente curricular, possui características comuns às demais disciplinas: carga horaria, obrigatoriedade, propósito acadêmico etc., seu diferencial reside segundo o CONSEPE “pela liberdade na escolha de temáticas, na definição de programas e na experimentação de procedimentos metodológicos” além de possibilitar a sua continuidade.

Em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) a UFBA firma como objetivo consolidar a institucionalização da extensão pelo estabelecimento de uma

⁵ Fonte: https://www.ufba.br/sites/devportal.ufba.br/files/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2001.2013_0.pdf

política continuada de estímulo, fomento, registro e qualificação das ações extensionistas, ampliando as atividades de maneira a dar visibilidade aos programas e projetos, qualificando-os por meio da vinculação do fomento às avaliações de mérito em consonância ao cumprimento das metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação.

O envolvimento dos estudantes de graduação e pós-graduação em ações de extensão universitária tem o potencial de lhes conferir uma formação mais afinada com o mundo da aplicação e com a realidade social do país. A curricularização das atividades de extensão representa uma estratégia capaz de ampliar esse tipo de experiência entre os estudantes da universidade, e deve ser almejada pela universidade para todos os seus cursos. (PDI/UFBA, 2012, p. 55)

Através da resolução Nº 02/2012, de 19 de novembro de 2012, o Conselho Acadêmico de Pesquisa e Extensão (CAPEX) aprova o Regulamento de Extensão Universitária da Universidade Federal da Bahia (UFBA), estabelecendo em seu capítulo X a integralização curricular da Extensão Universitária por intermédio da curricularização das ações de extensão nos projetos dos cursos da Instituição. Tal medida foi estabelecida pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), ouvidos os Conselho Acadêmico de Pesquisa e Extensão (CAPEX) e Conselho Acadêmico de Ensino (CAE).

Ao reconhecer o componente curricular ACCS como disciplina obrigatória de cursos de Graduação e de Pós-Graduação, com carga horária mínima de 17 (dezessete) horas semestrais, a UFBA fortalece a sua relação com grupos da sociedade, buscando desenvolver, segundo a Resolução Nº 01/2013 do CONSEPE, “ações de extensão no âmbito da criação, tecnologia e inovação, promovendo o intercâmbio, a reelaboração e a produção de conhecimento sobre a realidade com perspectiva de transformação”.

Entende-se com isso que o Componente Curricular ACCS na UFBA apresenta um arsenal metodológico diferenciado que prevê o trânsito entre a teoria e a prática na perspectiva da formação universitária, seguindo o que é proposto no Plano Nacional de Extensão (2011-2020) quando em seu parágrafo único diz:

O PNExt pauta-se na indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão, respeitada a autonomia universitária, nos termos do art.207 da Constituição Federal do Brasil e arts. 43, VII, 44, IV, 52, *caput*, 53, III e 77, §2º, da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996⁶.

Ainda segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Universidade Federal da Bahia, referente aos anos 2012-2016, as ações de extensão devem relacionar-se de modo articulado e não hierárquico com as diferentes áreas do conhecimento. A interdisciplinaridade deve caracterizar-se na interação de modelos e conceitos complementares; na mediação de materiais e metodologias, buscando consistência teórica e operacional que estruture o trabalho dos atores do processo social e que conduza à interinstitucionalidade, construída na interação de organizações, profissionais e pessoas. (PDI/UFBA, 2012-2016.)

Desta feita, segundo este PDI, a UFBA coloca-se na missão de possibilitar a materialização de “uma universidade cidadã”, não somente na perspectiva de ampliar a relação entre a Universidade e a sociedade, fator imprescindível na formação do estudante e na qualificação do professor, como também comprometida com questões e demandas da sociedade, em que é possível produzir conhecimentos através dos diálogos estabelecidos na troca de saberes com os diversos setores sociais.

Diante do exposto, entende-se que pensar a extensão universitária como uma via de mão dupla na construção do conhecimento, significa pensa-la numa dimensão complexa intimamente ligada não somente com a formação do estudante e com a formação continuada de professores, mas, sobretudo, interessada em promover a geração de outros/novos conhecimentos sejam eles científicos ou tecnológicos com vistas ao interesse social.

Sob esta perspectiva o conhecimento é aprimorado e atualizado de maneira interdisciplinar, estabelecendo diálogos dentro da própria universidade com as diversas áreas do conhecimento a fim de, junto com a sociedade, criar um intercambio de interlocução, espaço de confluência para a superação dos problemas emergentes da contemporaneidade.

Tendo como trilha teórica, para citar apenas o Brasil, a obra de Paulo Freire, a extensão universitária apresenta-se em sua inovação pedagógica ao possibilitar o

⁶ Disponível em: <http://pdi.ufabc.edu.br/wp-content/uploads/2011/09/Plano-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-2011-2020.pdf> Acesso em 12 de jun. de 2013.

acesso democrático das populações enquanto sujeitos participantes incentivando a comunicação, dialogo, troca de saberes acadêmico e popular. (TOKARSKI, 2009)

O avanço com as políticas de institucionalização, as criações de órgãos governamentais financiadores, aliados a experimentações metodológicas inovadoras, vem alçando a extensão universitária ao lugar de parceira da comunidade contribuindo para o desenvolvimento econômico e social. Pois conforme o Fórum de Pro- Reitores de Extensão,

A ação cidadã das universidades não pode prescindir da efetiva difusão dos saberes nela produzidos, de tal forma que as populações cujos problemas tornam-se objeto da pesquisa acadêmica sejam também consideradas sujeito desse conhecimento, tendo, portanto, pleno direito de acesso às informações resultantes dessa pesquisa.(BRASIL, FORPROEX, 2011, p.5)

Estreitar os diálogos com a forte preocupação na geração de conhecimentos construídos em conjunto com a sociedade, desmonta a hegemonia de um saber acadêmico absoluto e lança o desafio de preparar o estudante para uma realidade concreta que será vivenciada fora dos muros da academia em suas dimensões subjetivas e simbólicas, para além das ofertas mercadológicas profissionais, pretende, acima de tudo, preparar cidadãos implicados com as transformações sociais.

A extensão passa ser pensada como uma garantia de socialização do conhecimento gerado não somente pela universidade, visto que deverá articular relações dialogadas entre universidade e comunidades, teoria e prática o que possibilita a sistematização da interação entre os saberes populares e acadêmicos propiciando novas produções e relações de, e com, o conhecimento.

Essas relações, segundo Santos (2004) se constituem na superação da hegemonia da academia e na construção de uma via de mão dupla que cimenta uma aliança com os diversos segmentos sociais buscando soluções compartilhadas e a superação das desigualdades.

Diante do exposto entende-se que uma progressiva mudança no conceito de Extensão Universitária vem se concretizando na sociedade brasileira a partir de 1988 quando a Constituição Federal concebeu a atividade universitária afirmando-se a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, tal fato vem a ser referendado pela Lei 9394/96- LDB 1996.

De acordo com o Fórum de Pro- Reitores de Extensão,

A ação cidadã das universidades não pode prescindir da efetiva difusão dos saberes nela produzidos, de tal forma que as populações cujos problemas tornam-se objeto da pesquisa acadêmica sejam também consideradas sujeito desse conhecimento, tendo portanto, pleno direito de acesso às informações resultantes dessa pesquisa. (BRASIL, FORPROEX, 2011, p.5)

A partir de então novas experimentações metodológicas vem sendo geradas nas universidades públicas, principalmente na perspectiva de desconstruir a ideia de entender a extensão universitária apenas como o momento de difundir na comunidade e sociedade o conhecimento produzido no interior da universidade, passando a compreender a sociedade e as comunidades como parceiras das pesquisas, com o intuito de também fortalecer o vínculo dos estudantes com a sua própria formação na dimensão da autonomia e da democratização do conhecimento, privilegiando um ambiente de participação dos sujeitos, e atitudes emancipatórias.

2.3 AS TRILHAS E OS CAMINHOS DA EXTENSÃO

Pudemos perceber que o longo caminho percorrido pela extensão universitária nas universidades públicas brasileiras sempre foi margeado por questões políticas e sociais, que a contemporaneidade tem enfrentado, a exemplo do neoliberalismo que traz em seu bojo o monopólio da tecnologia, desregulação do capital e globalização excludente, acarretando a naturalização da exclusão, da violência e da miséria humana.

Há quase vinte anos que o professor Boaventura de Souza Santos (2006) vem discutindo a teia de relações do neoliberalismo e o seu projeto de privatização dos direitos sociais e como essas políticas vem impactando a educação, em especial a educação superior.

O sucateamento e conseqüente crise financeira que arrastou todas as universidades públicas brasileiras no final do século XX foram agravados com a privatização do ensino superior e o surgimento de inúmeras instituições privadas, caracterizando definitivamente a educação como mercadoria, evidenciando a

extinção da educação como bem público. A *universidade* sofre atualmente com os embates políticos e sociais provocados por tais questões e que segundo Santos (2006), tem girado em torno de três crises.

A primeira denominada crise da hegemonia, referindo-se ao dilema das universidades em verem-se ameaçadas do seu lugar como produtoras da alta cultura a serviço das elites diante das reivindicações do mercado capitalista em exigir a formação de mão de obra qualificada. Tal embate facilitou ao sistema capitalista a criar instrumentos alternativos que cumprissem os objetivos de atender ao mercado, desbancando assim, o espaço da universidade de única instituição de ensino superior produtora de pesquisa.

A segunda crise diz respeito a perda da legitimidade, se origina na desestabilização da hierarquia de saberes especializados decorrente das oportunidades de acesso que foram ampliadas pelas exigências políticas e sociais da democratização da universidade.

A terceira denominada de crise institucional, representa um dilema vivido nas universidades entre a autonomia dos seus valores e objetivos, enquanto instituição universitária, em contraponto às exigências de eficácia e produtividade no atendimento do mercado empresarial ou de responsabilidade social.

O desinteresse do Estado em investir na universidade pública tem empurrado a universidade a privatizar os serviços prestados em busca de receitas no mercado, fruto de uma política neoliberal com o intuito de,

Demonstrar que a educação é potencialmente uma mercadoria como qualquer outra e que sua conversão em mercadoria educacional decorre da dupla constatação da superioridade do capitalismo, enquanto organizador de relações sociais, e da superioridade dos princípios da economia neoliberal para potencializar as potencialidades do capitalismo através da privatização, desregulação, mercadorização e globalização. (SANTOS, 2006, p. 150)

Segundo Santos tais tensões provocam o deslocamento do lugar do conhecimento dentro das universidades e sua relação com a sociedade, visto que durante todo o século XX a universidade cultivou,

Um conhecimento predominantemente disciplinar cuja autonomia impôs um processo de produção relativamente descontextualizado em relação às premências do cotidiano das sociedades. (2006, p. 155)

Ao desestabilizar este modelo de conhecimento homogêneo e hierárquico, provoca a emergência de outro modelo no que Santos denomina de conhecimento pluriversitário,

[...] um conhecimento contextual na medida em que o princípio organizador da sua produção é a aplicação que lhe pode ser dada. [...] É um conhecimento transdisciplinar que, pela sua própria contextualização obriga um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimento [...]. (SANTOS, 2006, p.156)

Tal conhecimento é partilhado entre pesquisadores e comunidades, é materializado não só nas parcerias universidades-indústrias, como também em outros espaços como Organizações Não Governamentais, sindicatos, comunidades populares, grupos sociais vulneráveis etc., estabelecendo relações que extrapolam as dimensões econômicas e mercantilistas, implicando numa transformação política que envolve “uma reforma criativa, democrática e emancipatória da universidade pública.” (2006, p.162)

O conhecimento pluriversitário proposto torna-se uma saída diante das múltiplas e históricas causas da crise na universidade, agravada pela globalização neoliberal, que acentua de maneira global as desigualdades e a exclusão social, desencadeando o caos planetário destruturante no que Morin (2001) denomina como crise da totalidade.

Como reação a este fenômeno, Santos evoca uma globalização contra hegemônica da universidade, através de um projeto político de país em que a universidade efetive-se de fato como um bem público articulado ao contexto nacional e global, em que seja possível,

[...] ressituar o papel da universidade pública na definição e resolução colectiva (sic) dos problemas sociais que agora, sejam locais ou nacionais, não são resolúveis sem considerar a sua contextualização global. O novo contrato universitário parte assim da premissa que a universidade tem um papel crucial na construção do lugar do país num mundo polarizado entre globalizações contraditórias. (SANTOS, 2006, p. 164)

Com isso Santos entende que a universidade deverá enfrentar a sua crise com o intuito de promover alternativas de pesquisa, de formação, de extensão e de organização na definição e resolução das questões sociais, nacionais e globais. Sugere o redimensionamento das atividades de extensão, seja na flexibilização curricular dos processos de formação acadêmicos, seja no deslocamento dos

espaços de ensino e aprendizagem, seja em seus processos políticos de produção do conhecimento, de maneira que delimite socialmente “a utilidade social da universidade de modo contra-hegemônico”. (p.176)

Ainda para Santos a legitimação da universidade deverá se efetivar pela pesquisa-ação e pela ecologia de saberes, visto que atuam na extensão ao nível da pesquisa e da formação, articulando os interesses científicos aos sociais. Desta feita a ecologia de saberes configura-se como um conjunto de práticas que promove uma nova convivência nas relações com os saberes, em busca de “uma reorientação solidária da relação universidade-sociedade. [...] assumindo assim, uma orientação solidária tanto na formação dos seus estudantes como nas suas atividades de pesquisa e de extensão.” (pp.178-179)

Ao fundamentar-se teoricamente na perspectiva da ‘ecologia de saberes’ (SANTOS, 2006), pode-se vivenciar as comunidades de saber propriamente dita, além de valorizar e legitimar seus conhecimentos produzidos, constituindo, assim, um dos eixos centrais na discussão das relações de poder/saber menos hegemônicas às impostas pelas formas clássicas de produção de conhecimento científico da modernidade que privilegia uns conhecimentos e descredencia outros. Uma comunidade de saber é um modo de vida alimentado por um saber comum onde o conhecimento se produz e aplica,

[...] cada contexto é um espaço e uma rede de relações dotadas de uma marca específica de intersubjetividade que lhes é conferida pelas características dos elementos que o constituem entre eles a unidade da prática social, a forma institucional, o mecanismo de poder, a forma de direito e o modo de racionalidade. (2008, p. 151)

Com formas específicas de interação comunicativa e manifestações emancipadoras que tentam a legitimação de seus saberes e práticas tradicionalmente desvalorizadas, é também uma valorização da ação, da prática como expressão e manifestação do conhecimento comum enquanto revelação das compreensões do mundo, das relações sociais e as formas de demonstração dos saberes sociais.

As competências desenvolvidas pelos alunos a partir das discussões acerca da relação saber/poder na perspectiva interdisciplinar possibilita dialogar e articular teorias e teóricos na construção de ações que oportunize a compreensão acerca da formação universitária e o seu papel com trabalhos em comunidade.

Nessa perspectiva Macedo (2010, *apud* PIMENTEL, 2013, p. 338) afirma que a formação envolve “um conjunto de condições e mediações para que certas aprendizagens socialmente legitimadas se realizem.” A formação requisita do indivíduo o estabelecimento de conexões como sujeito e como objeto nas interações de aprendizagens.

Ao amparar-se em ferramentas teóricas que possibilite problematizar o espaço da comunidade em suas demandas, descortina-se o exercício de pesquisar e registrar informações da comunidade na busca de dispositivos de uma atuação coletiva desenvolve-se a atitude do trabalho em grupo, exercita-se a escuta e a percepção para a diversidade e suas articulações entre o saber da comunidade e o saber acadêmico, imprescindível para a produção de conhecimentos.

Tais processos configuraram como atos formativos e se efetivam como um momento para pensar a prática e retornar a ela. Um momento dialético do processo de aprendizagem que avança em direção ao desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia e cidadania desses estudantes.

Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar
Siba

3 A UNIVERSIDADE E O MANGUE: TROCA DE SABERES E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA EM COMUNIDADE

Este capítulo pretende ampliar a discussão conceitual acerca da produção de conhecimento em sua relação dialógica com a extensão, destacando a troca de saberes como o elo fundamental na formação universitária, evidenciando o trajeto de um programa de extensão que se efetivou como um processo educativo, cultural e científico em seus processos de aprendizagens entre alunos e mulheres trabalhadoras da pesca tradicional.

3.1 INSERÇÕES DA UFBA NO MANGUE, UMA PRÁTICA DA EXTENSÃO

No ano de 2010 é aprovado pelo Edital nº 02 SESu/MEC/PROEXT 2010/2011⁷- O Programa de Extensão Universitária da Universidade Federal da Bahia intitulado *Maré de Saberes* do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Sociedade (GEPECS) da Faculdade de Educação, com o apoio dos Ministérios da Educação, da Cultura e da Pesca, tendo como objetivo estabelecer diálogos entre Universidade e setores da sociedade demandantes de direitos sociais com a ênfase na alfabetização de jovens e adultos no universo de mulheres pescadoras e marisqueiras em processo de formação educacional continuada.

Tal programa possibilitou aos estudantes e professores, trocar experiências com 12 comunidades de trabalhadores da pesca artesanal localizadas no recôncavo baiano⁸.

⁷ O PROEXT – MEC/SESu é um instrumento que abrange programas e projetos de extensão universitária, com ênfase na inclusão social nas suas mais diversas dimensões, visando aprofundar ações políticas que venham fortalecer a institucionalização da extensão no âmbito das Instituições Federais, Estaduais e Municipais de Ensino Superior permeado pelos objetivos constitucionais que regem a Extensão Universitária. (<http://sigproj1.mec.gov.br/>)

⁸ Acupe, Barcelos do Sul, Bom Jesus dos Passos, Cações, Camamu, Candeias/Passé, Encarnação de Salinas, Madre de Deus, Marau, Taperoá, Subauma, São Francisco do Conde.

Para tanto foram selecionados doze monitores, estudantes dos cursos de Saúde, Biologia, Pedagogia e Ciências Sociais sob a Coordenação Geral da Prof^a. Dr^a. Uilma Rodrigues de Matos Amazonas e de uma articuladora interinstitucional, a especialista Rosangela Cerqueira⁹.

Durante oito meses os estudantes desenvolveram sua prática de estágio distribuídos em 360h/aula, sendo 100h de formação e 260h de atividades em comunidade¹⁰.

O Programa foi desenvolvido sob dois eixos estruturantes articulados entre si: O primeiro relacionado à formação de estudantes de graduação em Agentes de Projetos em Comunidades Tradicionais; enquanto o segundo relacionava-se a ações de qualificação das práticas laborais de mulheres marisqueiras e a educação nesse contexto social e de trabalho.

Inicialmente os alunos passaram por um processo de preparação e formação teórica e metodológica (ANEXO I) enfatizando em seu conteúdo a elaboração de estratégias de cooperação político-pedagógica como elo entre a Universidade Federal da Bahia e as comunidades pesqueiras articuladas em três dimensões: protagonismo social no universo feminino, qualificação das práticas laborais da mulher trabalhadora da pesca e inclusão digital na perspectiva de uma intervenção didática e social pautada no desenvolvimento sustentável local.

Após a formação inicial todos os monitores, em companhia da coordenação do programa, visitavam as comunidades¹¹, momento em que a proposta do programa passava a ser apresentada para as lideranças e toda a comunidade presente. Cada monitor ficava encarregado de atuar em uma comunidade sendo apoiado pelo representante desta entidade de pesca nas atividades planejadas.

⁹ Que teve a função de articular a interlocução entre as comunidades de pescadores e a Universidade com o apoio do ministério da pesca.

¹⁰ O programa estava previsto para atuar durante os períodos de 05/07/2010 à 05/04/2011, no entanto houve um atraso na remessa do recurso o que motivou alterações na agenda de ações que foram prorrogadas até o mês de Novembro.

¹¹ Após levantamento dos territórios a serem selecionados para desenvolvimento do programa, houve uma reunião com representantes do ministério da pesca que promoveu um contato prévio com os presidentes das colônias de pescadores dessas comunidades, momento em que era apresentada a proposta do programa Maré de Saberes. A visita era agendada e toda a comunidade convidada a participar da reunião de apresentação realizada pela professora Uilma e os monitores.

A visita inicial servia como base para um levantamento de expectativas da comunidade como também aplicação de instrumentos de coleta de dados (ANEXO II). A identificação de dados sobre escolaridade, trabalho e cultura serviu como fomento para a produção de propostas de ações multidisciplinar e multirreferencial, oriundas destas informações, então compartilhadas em sala de aula na UFBA com os alunos bolsistas.

As ações consistiam em promover encontros semanais, quinzenais e/ou mensal com o grupo de mulheres trabalhadoras da pesca nos municípios; Desenvolvimento de blog para registro das ações e visitas realizadas; Registro com fotos e vídeos publicados no blog; Desenvolvimento de artigos sobre temas ligados à prática de estágio na comunidade; Realização de eventos ligados ao programa a partir de planejamento prévio com a coordenação do programa e os representantes da comunidade.

Foram realizadas algumas oficinas a partir de uma “rede de desejos” levantada com a comunidade de mulheres marisqueiras, momento em que expressavam suas expectativas, vontades e desejos. Cabe ressaltar que nos primeiros encontros com a comunidade, sempre que solicitadas a expressar como pensavam que deveria estabelecer a nossa relação (estudantes e professores da UFBA) com a comunidade, a resposta se revelava sempre numa relação de subalternidade, a exemplo da fala de algumas marisqueiras: “você é que sabem o que é melhor pra gente... vocês veem da universidade.”

Muitas queixas foram relatadas como as dores no corpo, decorrentes da exaustiva posição do ato de mariscar, a falta de atividades lúdicas e de lazer, surgiram insistentemente nas conversas e sensibilizações conduzidas pelo grupo de estudantes. Após a análise dos dados coletados, discussões e avaliação, optou-se por, inicialmente, desenvolver oficinas temáticas, a partir das demandas identificadas, como ponto de apoio para discutir transversalmente o protagonismo e a importância do auto reconhecimento das marisqueiras como comunidade de saber.

Dentre as ações desenvolvidas pelo programa, destacaram-se as **oficinas de leitura e letramento**, destinadas às mulheres que desejavam se aproximar da leitura e escrita. **Pilates e percepção corpo laboral, automassagem, alongamentos, trabalhos de consciência corporal** foram oficinas indicadas para mulheres que sentiam dores corporais. **Empreendedorismo, cooperativismo e**

associativismo visando a organização de cooperativas na venda dos mariscos. **Customização e artesanato** (bordado ponto cruz) para mulheres que desejavam “relaxar”. **A diversidade do mangue, ecologia e produção sustentável**, atividades externas realizadas no mangue como reflexão para toda a comunidade da responsabilidade e enfrentamento aos diversos tipos de poluição que afetam os manguezais. **Horta nos quintais**, a partir do conhecimento das marisqueiras sobre ervas e hortaliças, incentivar a plantação caseira. **Encontros de Maré**, ação lúdico cultural que promoveu o dialogo entre as mulheres das forças armadas da Marinha do Brasil e as marisqueiras de Passé, confrontando as diversas realidades de mulheres que tem como referencia o mar, (ANEXO III) criação e produção de vídeos, fotos e blogs¹².

Durante o desenvolvimento das ações nas comunidades, cinco trabalhos foram produzidos, submetidos, aprovados e apresentados no 5º CBEU - Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em Novembro de 2011, tendo como tema As fronteiras da Extensão¹³.

Os trabalhos apresentados tinham como referencia os trajetos teóricos metodológicos dos estudantes diante do projeto, o que se pode perceber pelos seus títulos: “*Mulheres em Maré: protagonismo das marisqueiras em Madre de Deus*”¹⁴ “*A troca de saberes no universo das mulheres trabalhadoras da pesca do baixo sul e recôncavo da Bahia*”¹⁵ “*Ecologia de Saberes, Extensão e Formação Acadêmica*”¹⁶ “*Avanço da atividade industrial sobre culturas tradicionais local: O caso das marisqueiras de Madre de Deus/Ba*”¹⁷ “*Maré de Saberes: cultura e memória Social, a etnopesquisa com marisqueiras do recôncavo da Bahia*”¹⁸

Mais de mil mulheres marisqueiras participaram do *Projeto de Extensão Maré de Saberes* entre reuniões, atividades e oficinas.

¹² Blog do programa: <http://www.maredesaberes-ufba.blogspot.com/>

¹³ http://www.ufrgs.br/5cbeu/?page_id=6

¹⁴ Ana Claudia dos Santos Domingos e Clezilda Borges dos Santos (Pôster)

¹⁵ Uilma Rodrigues de Matos Amazonas e Rosângela dos Santos Cerqueira (Pôster)

¹⁶ Uilma Rodrigues de Matos Amazonas (Comunicação Oral)

¹⁷ Dulcimara da Silva Bacellar Santana e Sandra Tereza de Freitas (Pôster)

¹⁸ Regina Lúcia dos Santos Portela e Maurício Meireles (Comunicação Oral)

Durante todo o percurso do programa evidenciou-se a tentativa do grupo de estudantes em superar o caráter, por vezes assistencialista das oficinas e se aproximar mais do grupo de mulheres numa perspectiva de troca de saberes. No entanto esta tarefa não se tornava tão fácil visto que as mulheres mostravam-se arredias, desconfiadas, inseguras diante do “saber” dos estudantes da UFBA.

O grupo de trabalho conseguiu levantar um número de informações e registros superior ao estimado e que tiveram que ser arquivados, por não haver tempo para ser analisados por conta do encerramento do programa e desarticulação do grupo, os alunos perderam o incentivo das bolsas para a continuidade da pesquisa e assumiram outros compromissos acadêmicos. Cabe aqui ressaltar que todas as metas previstas foram cumpridas no período estipulado, no que diz respeito aos objetivos iniciais do programa.

Com o término do prazo formal do Programa *Maré de Saberes*, em Novembro de 2011, toda a equipe foi dissolvida, no entanto para a coordenadora, muitas lacunas foram deixadas e que precisavam ser analisadas, problematizadas. Havia um sério entrave relacionado a grande extensão geográfica que o programa abarcava, além do número expressivo de comunidades (12) que dificultava a sistematização de todas as experiências. Precisava-se retornar a comunidade.

Como uma das alunas bolsista do curso de pedagogia e bastante envolvida com o Programa *Maré de Saberes*, por acompanhar todas as viagens às comunidades com os outros monitores, recebi o convite da professora a candidatar-me como monitora em seu novo projeto, o ACCS que seria desenvolvido desta vez em apenas uma comunidade das doze trabalhadas da pesca, visando refletir o lugar dos saberes no âmbito da memória nas narrativas das marisqueiras como produção do conhecimento.

Da experiência adquirida com o Programa de Extensão *Marés de Saberes*, no ano de 2012.2, é aprovado pela PROExt/UFBA o projeto de ACCS ***Práticas Educativas em EJA e Desenvolvimento Humano, em Comunidades Tradicionais: Marisqueiras de Passé Candeias***, pela Faculdade de Educação Departamento de Educação I, com o código ***EDCH08***. Sob a coordenação da professora Uilma e tendo como colaboradora Claudia Rozo Sandoval aluna de estágio docente de pós-graduação do curso do Doutorado Multi-institucional Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento PMDD/FACED/UFBA.

Este componente teve como foco vivenciar experiências de aprendizagens com mulheres trabalhadoras da pesca tradicional da comunidade de Passé Candeias, essas catadoras de marisco, com idade entre 30 a 60 anos e baixa escolaridade que trazem consigo o sentimento de desvalorização pela função que exercem como marisqueiras.

A escolha do local seguiu os critérios práticos operacionais visto que a monitora atuou nesta comunidade no programa Maré de Saberes, além da comunidade ser próxima de Salvador (60 km.). O distrito de Passé que fica situado na cidade de Candeias localizada na Baía de Todos os Santos. As terras de Passé datam do século XVI, faziam parte da sesmaria de Matoim, situado no Recôncavo Baiano e que abrigavam alguns engenhos de cana de açúcar, fundamentais para o desenvolvimento do Brasil colônia.

Nesta localidade existe uma vasta área de floresta de manguezal, ali se encontram variadas espécies de crustáceos e moluscos, que possibilitam o desenvolvimento da culinária típica da região. É nesse manguezal que a população, carente e na maioria mulheres, retira o seu sustento para o consumo doméstico e/ou comercialização em locais próximos, como a cidade de Salvador. Segundo dados do IBGE¹⁹ de 2010, mais de duas mil famílias povoam o distrito.

Foram oferecidas vagas para quatorze alunos das diversas áreas de conhecimento da UFBA e se inscreveram estudantes de pedagogia, Bacharelado Interdisciplinar (BI) em Saúde, Ciências da Computação, Serviço Social e Ciências Contábeis.

A participação no Componente implicou em estudos da etnometodologia²⁰ da pesquisa baseando-se nos preceitos da interdisciplinaridade. As atividades formativas foram desenvolvidas visando a formação e preparação dos estudantes tendo como referência a pesquisa-ação e a etnopesquisa na comunidade de marisqueiras além dos eixos epistemológicos relativos a gênero, memória e narrativas em comunidades.

¹⁹ Fonte de dados: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=292950>

²⁰ Através da realidade observada procura evidências a partir do raciocínio prático do cotidiano. Seu objetivo é buscar métodos empíricos (etnométodos) conjunto de procedimentos que são utilizados pelos sujeitos para construir as suas atividades no cotidiano. Essa teoria se institui sobre o reconhecimento da capacidade reflexiva e interpretativa própria de todo ator social que se constitui através da linguagem. (SILVA; CABRAL, 2010)

As ações de cunho sócio educacional buscavam priorizar o empoderamento e a valorização da mulher trabalhadora da pesca na perspectiva da inclusão digital, sustentabilidade e educação ambiental, visando o protagonismo desta comunidade de mulheres sob a dinâmica da troca de saberes.

As atividades desenvolveram-se em três dimensões: formação de estudantes de graduação, na perspectiva de auto-formação e escolha do seu próprio percurso formativo; atuação sócio educacional na comunidade de marisqueiras e produção de conhecimento, agregando qualificações, habilidades, criatividade e inovação.

Essas dimensões estavam articuladas sob três eixos estruturantes da pesquisa-ação: Conhecimento institucional; Memória e Gênero; Tecnocultura. Desses eixos foram elaborados subprojetos envolvendo saberes comunitários e universitários a partir de demandas identificadas através da oralidade do grupo de mulheres.

As ações foram desenvolvidas nas dependências da colônia de pescadores Z54, com o envolvimento do coletivo dos/as 12 alunos/as na comunidade, especificamente na realização das oficinas oferecidas²¹ como:

Artesanato do mangue: com o propósito de utilizar a técnica de trabalho com materiais do mangue e do mar para transformá-los em produtos artísticos e artesanais.

A escrita do nome: desenvolver a produção escrita das participantes promovendo a sua expressão oral e escrita em espaços sociais, além de estimular o uso de outros suportes textuais e de letramento.

Saúde e bem estar: abordar técnicas e procedimentos para o bem estar físico e mental, além de refletir sobre a qualidade de vida e saúde.

Memória e corpo: refletir sobre a importância de manter viva a memória como possibilidade de valorizar a mulher, estimulando o registro das narrativas e histórias de vida das participantes.

Orçamento familiar: contribuir na incorporação de práticas simples de administração dos recursos familiares para facilitar a vida de cada participante, bem como da gestão de seus recursos financeiros.

²¹ Estas oficinas foram oferecidas, nem todas aconteceram devido ao pouco número de visita de campo. A promessa de continuidade no próximo semestre fez com que mantivéssemos as oficinas na grade de programação com as marisqueiras. Algumas oficinas apresentavam o mesmo conteúdo das oficinas do programa Maré de Saberes pelo fato das marisqueiras solicitarem esse tipo de atividade durante o encontro de levantamento de expectativas.

Como falar em público: a expressão oral como instrumento de empoderamento e desenvolvimento de lideranças entre o grupo.

Durante os cinco meses foram realizadas seis viagens coletivas para as quais os todos os alunos puderam participar com atividades exercitando suas áreas de conhecimento específicos visando atender as demandas da comunidade (ANEXO IV). A duração das atividades variavam entre 6h e 8h e ocuparam, juntamente com os encontros em sala de aula, no mínimo as 68 horas previstas pelo componente curricular/ disciplina distribuídas entre visita de campo e atividades em sala de aula (ANEXO V). A partir das referências científicas de cada área de conhecimento, os alunos construíram colaborativamente as oficinas articulando os campos de saberes entre si.

No semestre seguinte, 2013.1 o componente foi oferecido novamente e mais 12 alunos das áreas de Pedagogia, BI em Artes, BI em Humanidades, BI em Saúde, Nutrição, Medicina, Letras, Serviço Social, Ciências da Computação participam do ACCS.

Desta vez foram priorizadas as narrativas das marisqueiras através de rodas de conversas, gravação e filmagem das histórias, exercício da memória, a criação de um blog²² e de uma página no facebook²³, em que poderia contar a história de Passé e de suas marisqueiras além das oficinas de mariscar, momento em que os estudantes da UFBA participaram de uma vivência-aprendizagem de mariscagem no mangue.

A participação no Componente implicou em estudos da educação em espaços não formais baseando-se nos preceitos da interdisciplinaridade. As atividades formativas foram desenvolvidas visando a formação e preparação dos estudantes tendo como referência a pesquisa-ação na comunidade de marisqueiras.

Sua relevância se evidenciou por promover a pesquisa sobre a cultura, memória, saberes e seus significados como processos de construções de aprendizagens na dinâmica da vida social dessa comunidade, como também na promoção de ações conjuntas e coordenadas pretendendo articular os universos da

²² <http://coloniadepescaz54.blogspot.com.br/>

²³ <https://www.facebook.com/groups/1405584013000771/>

<https://www.facebook.com/pages/ACCS-Marisqueiras-de-Pass%C3%A9/290579657753888?ref=hl>

teoria e da prática, na perspectiva do protagonismo social feminino e valorização das práticas das marisqueiras, preservando memórias, resgatando histórias; relacionando as práticas da mariscagem como técnica, enquanto dispositivo de saber que ativa o universo da memória, gênero, identidade sócio cultural e empoderamento da mulher marisqueira.

Cabe ainda destacar as produções acadêmicas apresentadas em congressos e seminários em que revelam o percurso investigativo do grupo de pesquisadoras²⁴, no que pode ser evidenciado pelos títulos dos trabalhos: *“Marisqueiras de Passé: saberes localizados e identidades”*²⁵ *“Extensão universitária: espaço de formação multirreferencial?”*²⁶ *“Narrativas das marisqueiras de Pásse/Candeias: expressão do feminino no discurso silenciado”*²⁷ *“Marisqueiras de Passé: a troca de saberes em comunidades”*²⁸ *“A universidade e o mangue: cenários de diálogos, saberes e práticas”*²⁹

A ACCS *Marisqueiras de Passé/Candeias* tomou como referencia as orientações teóricas de Boaventura Souza Santos (2005) e o conceito de *ecologia de saberes*, encontrado na sociologia do cotidiano, na ecologia social do campo das ciências sociais aplicadas. Para esse autor a *ecologia dos saberes*,

[...] configura-se uma extensão em sentido contrário, de fora da Universidade para dentro dela. Consiste em promover diálogos entre o saber que a universidade produz e os saberes leigos, populares, tradicionais que circulam na sociedade. (SANTOS, 2005, p. 176)

Ainda segundo Santos (2003), o objetivo da ecologia de saberes é possibilitar o conhecimento científico a se confrontar com outros conhecimentos, para desta forma a universidade se transformar em uma pluriversidade na qual a hierarquia do

²⁴ Todos os trabalho foram produzidos sob as autorias de: Uilma Rodrigues de Matos; Claudia Rozo Sandoval e Regina Lúcia Portela

²⁵ **III SIEPE** - Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa E Extensão –FACED/UFBA (Pôster)

²⁶ **VIII SEMPE** - Seminário de Metodologia Para Projetos De Extensão – PROEXT/UNEB (Comunicação Oral)

²⁷ **VIII COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE** – FACED/UFPE (Comunicação Oral)

²⁸ **SEMEX** - SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UFBA – PROEXT/UFBA (Pôster)

²⁹ **V CISP** - COLÓQUIO INTERNACIONAL SABERES, PRÁTICAS: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA AFRICANA – FACED/UFBA (Comunicação Oral)

conhecimento disciplinar é obrigado a dialogar com diversas outras formas de conhecimento.

3.1.1 Tecnocultura e o saber fazer

Logo no início do trabalho com as marisqueiras um fato despertou a curiosidade de todos os estudantes e professoras, o desejo expresso por parte de grande parte das mulheres de usar computadores e ter domínio sobre outros recursos tecnológicos, a exemplo do celular, mesmo com a limitação da não alfabetização de algumas delas.

Entender sob a perspectiva histórica e cultural a relação que essas mulheres estabelecem com a tecnologia possibilitou uma aproximação com os aportes do filósofo francês Gilbert Simondon (2010) em busca de uma compreensão da tecnologia como mediação entre a espécie humana e a natureza, visto que é no ato de mariscar, uma tradição do saber fazer, decorrente da oralidade e do cotidiano desta comunidade em que são construídas formas de perceber e habitar seu mundo, mesmo não sendo reconhecido nem valorizado este saber como uma técnica.

Desta feita a questão da Tecnocultura teve como propósito refletir com a comunidade sobre tecnologia, sua relação com a cultura, identificando a perspectiva histórica, a compreensão da tecnologia como mediação entre a espécie humana e a natureza, com interesse de evidenciar as técnicas vinculadas às práticas de mariscar e saberes concretos desenvolvidos na atividade cotidiana da pesca artesanal dos mariscos (MARTIM BARBERO 2003, 2005; GILBERT SIMONDON, 2005, 2010; CANCLINI, 2004).³⁰

A hegemonia do saber que confronta as tecnologias ao saber da prática da pesca de mariscos representou a tensão entre saberes construídos e transmitidos socialmente frente aos baseados na lógica formal das instituições científicas e tecnológicas que nas falas das marisqueiras refletiam a ideia de superioridade associada à manipulação de tais objetos técnico, tomando-os como exemplo e o lugar que estes ocupam no imaginário da comunidade, associado ao moderno, ao progresso e ao bem estar.

³⁰ Este aporte teórico foi trazido pela doutoranda Claudia Rozo,

Segundo Claudia Rozo, numa de suas aulas como professora estagiária na disciplina ACCS marisqueiras de Passé, trabalhar com comunidade de “saberes tradicionais” e contribuir para uma formação multidisciplinar de estudantes universitários, significou apoiar-se em referências inovadoras na vida e na prática da comunidade universitária, e exigiu uma postura multirreferencial, próxima do conceito de Ecologia de Saberes (SANTOS, 2004) e Freire (1987) numa abordagem interdisciplinar e multidisciplinar a fim de dar conta de analisar a complexidade do fenômeno educativo e social, compreendendo sua história e o contexto em que ocorrem tais fenômenos.

Para tanto uma parte do trabalho de sua tese de doutoramento objetiva no ACCS, observar a relação entre os conhecimentos institucionais e a valoração que a comunidade de marisqueiras dá à universidade, frente aos conhecimentos e saberes que lhe são próprios, indagando as formas como os conhecimentos e os saberes manifestam relações de poder refletidas em hierarquias.

Tais reflexões mobilizaram o grupo de marisqueiras e estudantes para o reconhecimento da prática de mariscagem como uma técnica, um saber construído na coletividade, fonte de conhecimento tradicional. Possibilitando a mulher marisqueira reconhecer-se como promotora de saberes e possuidora de um patrimônio para a sua comunidade.

3.1.2 A etnopesquisa como inspiração para atividades de extensão

Ao dar continuidade as ações na comunidade de Passé manteve-se a etnopesquisa crítica como inspiração, visto que possibilita analisar os atores sociais e suas ações cotidianas, as relações entre indivíduo, cultura e sociedade.

Um dos pontos fundamentais para compreender a etnopesquisa crítica é que ela direciona seu interesse para analisar as mediações que ocorrem nas ordens socioculturais. Neste sentido, preocupa-se primordialmente com os processos que constituem o ser humano em sociedade com e em cultura e compreende esta como algo que “transversaliza e indexaliza” toda e qualquer ação humana. (MACEDO, 2004, p. 09).

O pressuposto é de que a pesquisa em educação deve estar pautada na abordagem multirreferencial ao transitar por diversas abordagens teóricas, sem se colocar na dependência de nenhuma delas principalmente em se tratando de

pesquisa e formação sob uma perspectiva libertadora, isto é, voltada ao empoderamento popular, à formação dos sujeitos envolvidos e ao processo de transformação da realidade social.

A observação participante é essencial para esta ferramenta de trabalho: ela é autônoma e se constitui como recurso qualitativo de base argumentativa e epistemológica, já que o contexto cultural observado e refletido é fundamental para compreender as ações sociais, sem, contudo, deixar de levar em conta as peculiaridades relativas às qualidades de interpretação dos envolvidos na pesquisa. (MACEDO. 2004)

E exige do estudante descrever, interpretar e compreender o outro, o fazer do e com o outro. Segundo Macedo (2009) para o etnopesquisador crítico, o outro é condição irremediável para a construção de conhecimentos nos âmbitos das suas práticas. Nesse sentido, uma etnopesquisa crítica é uma pesquisa de natureza qualitativa, que visa compreender e explicitar a realidade humana tal qual como é vivida pelos atores sociais em todas as perspectivas possíveis.

É o resultado sempre inacabado de uma dialética contínua que surge nas interações sociais, sendo que a melhor forma de compreender os diferentes fenômenos é estar com eles, vivenciar o universo de suas práticas, o que se configura de importância fundamental na compreensão do outro e de nós mesmos. (MACEDO, 2004, apud RODRIGUES; ROZO; PORTELA, 2013, p 4)

Logo, a base estruturante da etnopesquisa considera os sujeitos e seus saberes portadores de inteligibilidades assim, a tarefa de observar, participar, interagir com as marisqueiras, significou um grande desafio para a construção de conhecimento, possibilitou perceber processos múltiplos de produção e articulação das lembranças e esquecimentos dos diferentes sujeitos sociais em íntima conexão com a reelaboração das memórias e sua relação de produção com o saber, uma construção que se realizou nas relações estabelecidas ao longo das atividades desenvolvidas pelo ACCS marisqueiras de Passé.

Sob esta marquise, a atuação dos estudantes nas ações desenvolvidas com as marisqueiras puderam ser convertidas em objeto de reflexão sobre os itinerários formativos durante esse processo. Possibilitando uma compreensão dos saberes e da reflexividade que permeia a prática das marisqueiras e a prática dele próprio enquanto pesquisador, tal experiência tornou possível refletir como as ações dos estudantes impactaram na vida das marisqueiras e vice-versa, delineando o modo

como esses dois grupos (estudantes e marisqueiras) se percebem, explicam e descrevem, bem como constroem e compreendem seu fazer. O relato dessa experiência será apresentado no capítulo três desse trabalho.

3.1.3 O feminino da maré nas teorias feministas

Mergulhar no universo das marisqueiras de Passé provocou refletir como determinadas práticas possuem um sentido e um significado na vida das mulheres, implicou pensar no construto social que as forjou e suas várias dimensões pelas quais o gênero imbrica e no modo pelo qual essas imbricações cooperam para a vulnerabilidade de diferentes grupos de mulheres.

A vida das mulheres trabalhadoras da pesca tradicional sempre foi marcada por grandes dificuldades, seja pelo esforço físico de sua prática, caracterizadas por extensas caminhadas no lodaçal do mangue, seja pelo longo tempo em que permanecem na catação do marisco, o que causa sérias doenças ocupacionais, seja pela baixa remuneração na comercialização dos produtos coletados no mangue, o que acarreta a desvalorização dessa prática refletindo negativamente na autoestima dessas mulheres.

Um fazer transmitido de mãe para filha, como o é a aprendizagem das atividades domésticas, resultado de um processo histórico ligado ao desenvolvimento das forças produtivas engendrado pelo Patriarcado (ENGELS, 2002) que culmina na divisão sexual do trabalho e conseqüentemente na opressão da mulher.

A situação da mulher nesse cenário torna-se particularmente mais dramática visto que historicamente a trajetória dessas mulheres negras e em sua maioria, excluídas da escolarização básica, conta uma história de invisibilidade e subalternidade.

Desprovida de qualquer tipo de realização, a profissão de marisqueira passou a ser reconhecida para fins previdenciários a partir de 2006³¹, o que não afastou o seu estigma de tarefa de mulher e por isso mesmo um trabalho desvalorizado e não reconhecido pelas esferas institucionais.

³¹ www.camara.gov.br/sileg/integras/379984.pdf - site visitado em 10/04/2012.

Vale ressaltar que os governos, sociedade civil, entidades não governamentais e agências financiadoras, desde a IV Conferência Mundial de Mulheres (Pequim, 1995), intitulada “Ação para a Igualdade, o Desenvolvimento e a Paz”, vem buscando nos seus projetos sociais, fortalecer a cidadania na perspectiva das relações de gênero, com o objetivo de promover o empoderamento e a promoção da igualdade das mulheres, já que “As relações de gênero, com seu substrato de poder, passam a constituir o centro das preocupações e a chave para a superação dos padrões de desigualdade” (Relatório de Pequim, 1995, p.149).

Assim no âmbito dos governos nacionais, passaram a “integrar perspectivas de gênero na legislação, nas políticas públicas, nos programas e projetos” (BANDEIRAS, 2005, p. 11)

A mariscagem realizada exclusivamente por mulheres configura-se uma atividade que se cristaliza na divisão sexual do trabalho (ENGELS, 2002), demarcando as relações de gênero, visto que são menos valorizadas tanto nas comunidades quanto no mercado de trabalho. São mulheres com baixa escolaridade, negras, pobres, logo, o segmento mais vulnerável na sociedade.

O entendimento das questões contemporâneas que engendram as relações entre homens e mulheres seja no espaço doméstico, de produção ou de relações sociais em seus processos complexos, torna-se de suma importância para o enfrentamento dos conflitos produzidos historicamente, nos convidando a utilizar os aportes teóricos dos Estudos de Gênero e da Teoria Feminista (SAFFIOTI. 2004; COSTA. 1998. SCOTT. 1991).

O ACCS se constituiu em ações que vincularam as mulheres marisqueiras enquanto comunidade de saber, priorizando o reconhecimento de suas práticas, seus valores e representações na perspectiva de gênero e subjetividade feminina, por meio de ações sociais dialógicas articuladas a transversalidade das relações de gênero, equidade e empoderamento das mulheres com todos os outros eixos epistemológicos.

Sob este aporte pode-se entender que a exclusão sofrida pelas marisqueiras são absorvidas pela estrutura de gênero, tornando-se evidente a teia histórica que aprisiona a mulher sob o constructo social elaborado nas relações entre homens e mulheres seja no espaço doméstico, de produção ou de relações sociais produzidas historicamente. (CRENSHAW, 2002)

Responder às formas como o gênero se intersecta com outras identidades para chegar-se a uma agenda de ação para a justiça social torna-se premissa básica para compreender como diferentes tipos de identidades têm impacto nos processos dinâmicos e nas estruturas que definem o acesso a direitos e oportunidades.

A participação ativa das mulheres nas discussões acerca das diversas violações aos direitos da mulher oportuniza o entendimento das diversas e diferentes vulnerabilidades que as sobrepõe, além de revelar os aspectos referentes a múltiplas discriminações em diversos contextos. O desafio consiste em instrumentalizar as mulheres a se defrontarem com os problemas contemporâneos e a sua superação.

Analisar como esses processos são elaborados nos contextos sociais torna-se tarefa desafiadora já que é por meio de uma atuação conjunta em desenvolvimento de uma produção coletiva que é possível redimensionar as relações sociais estabelecidas diante de uma realidade histórico-cultural, humana e que pode ser transformada.

Assim foi possível analisar, refletir, problematizar junto com as mulheres dessa comunidade na perspectiva do entendimento de como as violações e desempoderamento se efetivam a fim de desenvolver estratégias de atuação na construção de protagonismos dessas marisqueiras.

3.1.4 A memória e narrativa como dispositivo de empoderamento

Entender o papel da memória nas histórias de grupos sociais significa entender os processos sociais em constante transformação que se constroem ao longo de muitas gerações de indivíduos mergulhados em relações determinadas por estruturas sociais.

A construção da memória social implica na referência ao que não foi presenciado, visto que os suportes da memória contribuem para o transporte da memória social de uma geração a outra. Em seu texto *Memória e História*, Le Goff (1996) atenta que o suporte da memorização não se situa ao nível superficial em que opera a memória da “palavra por palavra”. “Parece pelo contrário que o papel importante cabe a dimensão narrativa e a outras estruturas da história cronológica dos acontecimentos” (LE GOFF, 1996, p.3)

Pensar uma pesquisa de campo na perspectiva da etnopesquisa possuindo como centralidade a ativação da memória pela narrativa na troca de saberes, implica perceber como as articulações entre a produção e a socialização do conhecimento se efetivam de acordo com a representação que dele é feita. Significa procurar junto com todos os envolvidos outras formas de relações, de registros, de ações.

Operar com a memória e a narrativa na troca de saberes como dispositivos de empoderamento em trabalhos com comunidades, resulta na ativação da rememoração de uma memória social e conseqüentemente de identidades coletivas, visto que advém de saberes adquiridos nas relações e convivência com o outro, no aqui, agora e no passado pois segundo Le Goff (1996, p. 476): “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva.”

Compreendendo a memória enquanto forma de conhecimento e um dos aspectos do processo de construção social, entende-se que ao vivenciar através do ACCS o universo das marisqueiras, oportunizou-se entender que o fazer dessas trabalhadoras resulta na construção de uma memória social e conseqüentemente de identidades coletivas, visto que advém de um saber adquirido na relação com a outra pelo exercício da prática e da memória; é um processo de construção que abarca a memória individual e coletiva, as relações, ancestralidades, pessoas, sentimentos e vida que engendram as relações entre homens e mulheres

Sob tal perspectiva foi possível para alunos e a própria comunidade entender que o fazer das marisqueiras configura-se como uma ação política e cultural que resulta na construção de uma memória social e conseqüentemente de identidades coletivas, visto que advém de um saber adquirido na relação com a outra, pelo exercício da prática e da memória. Nesta perspectiva as estratégias dialógicas de formação foram construídas levando em conta as representações, aspirações, motivações e necessidades nas comunidades de saberes a partir da discussão da memória, patrimônio e registro oral nas comunidades de marisqueiras.

Daí a sua importância em refletir o papel desempenhado por essas mulheres através da narrativa de seus fazeres, espaço em que circulam etnosaberes, conhecimentos tradicionais e taxonomias, que fazem parte do patrimônio intangível. O que não é dito. O que é sentido. O que é lembrado. Histórias visíveis e invisíveis.

[...] perguntando a uma marisqueira se ela já havia encontrado uma pérola e sua resposta dizendo que sim, mas que a tinha lançado a mesma ao mar para que o mesmo retribuísse com melhores pescas [...]

Fragmento etnográfico de Daniel 2013.1

4 POSSIBILIDADES REFLEXIVAS DA EXTENSÃO

As trocas de experiências e saberes que se efetivaram com a comunidade de marisqueiras, serviram de reflexão sobre o modo de vida e de trabalho dessas mulheres que, articulada à leitura dos textos, discussões promovidas em sala de aula e a produção colaborativa das atividades para atuar na comunidade, possibilitaram situar a singularidade de saberes do grupo de mulheres trabalhadoras do mangue.

Tal vivência oportunizou para todos os estudantes envolvidos o exercício da memória e encontros com histórias e infâncias de cada participante e de si próprio, como também confrontos de hierarquia entre os saberes tradicionais, saberes técnicos, científicos e acadêmicos.

Das atividades educativas e geradoras de aprendizagens do grupo de estudantes e marisqueiras, das inúmeras experiências vivenciadas ao longo deste ACCS, destacamos alguns fragmentos dos relatos que revelam as percepções dos alunos e alunas sobre os seus trajetos de aprendizagens e formação na Comunidade de Passé.

4.1 O SENTIDO PEDAGÓGICO DA MANDALA COMO INTERESSE DE APRENDIZAGEM

Por mais de um ano longe da comunidade retornamos agora com o ACCS *Marisqueiras de Passé*, após alguns ajustes com o presidente da colônia de pescadores acerca da operacionalização das nossas atividades, como por exemplo

o melhor dia para os nossos trabalhos de campo, melhor horário e resumo da proposta de trabalho, retomamos os encontros com as marisqueiras.

Ainda nesse retorno as mulheres se mostraram arredias e envergonhadas, mesmo algumas delas lembrando das atividades com a oficina de Pilates do projeto *Maré de Saberes* realizada no ano anterior.



Figura 1 – Encontro de estudantes com presidente da colonia de pescadores³²



Figura 2 – Reunião com as marisqueiras

Ao retornarmos para a universidade as reuniões de preparação para o segundo encontro caminhavam na perspectiva de encontrar dispositivos teóricos e metodológicos em que fosse possível quebrar o silêncio e a timidez das marisqueiras e fortalecer o elo entre o grupo da UFBA e elas. Mais uma vez a vivência lúdica parecia ser a melhor estratégia para conseguir tal intento.

Após algumas ideias e avaliações, foi sugerida uma atividade em que implicasse a criação coletiva entre o grupo de estudantes e as marisqueiras através de um artefato que se constituísse em significado coletivo, assim surgiu a ideia da oficina de mandala, como metáfora da relação que se pretendia estabelecer com a comunidade.

Quando chegamos a colônia, arrumamos a colônia para que as marisqueiras fossem muito bem recebidas, arrumamos a mesa com diversas conchas, pequenos círculos de papelão, cola branca, lantejoulas, tintas, miçangas, cordão, tecidos, fuxicos, glitter etc. [...] a curiosidade, se aproximar e tocar nos objetos, que enriqueciam muito a criatividade de cada uma. (ESTUDANTE DE PEDAGOGIA,)

³² Autoria da foto: Claudia Rozo Sandoval

Relacionar a mandala com o ciclo da natureza na vida das marisqueiras em sua relação com o trabalho, família, fez com que essas mulheres percebessem o círculo como um conjunto de transformações da vida, desde um bebê que se torna adulto, idoso... vidas que deixam histórias, jovens que iniciam histórias, histórias que são transformadas, histórias que são esquecidas, histórias que são lembradas, reiniciando sempre outros ciclos.

Rapidamente os materiais, o círculo de papelão, as conchas, lantejoulas começaram a ganhar formas, a nascer história, inicialmente uma história pessoal, individual, de cada uma dessas mulheres, com cor própria, desenho próprio, momento de criatividade e conexão com todos e todas presentes.

Havia a mágica do compartilhar, alguém que não conseguia realizar alguma tarefa era logo auxiliado, sugestões, trocas, risos, cochichos, exclamações. Naquele momento elas estavam unidas construindo coletivamente algo para elas, que aquela construção não era apenas de uma e sim de todas. Cada participante fez da sua pequena mandala um colar que foi apresentado para o grupo e daí uma troca entre as participantes.

O momento de troca evoluiu para a criação de uma mandala coletiva, cada participante contribuía com sua intervenção na decoração da mandala, o que resultou numa bricolagem de cores e materiais. A materialização harmônica da diversidade e, ao mesmo tempo a unicidade das diferenças. Símbolo da união e cumplicidade entre as mulheres daquela comunidade. A mandala foi afixada no salão de reunião da colônia como lembrança do vínculo criado entre o grupo de mulheres.

A confecção coletiva da mandala serviu como um dispositivo estratégico metodológico centro de interesse de aprendizagem como troca coletiva que mobilizou o sentimento de pertencimento das mulheres marisqueiras com a sua comunidade, com a colônia de pescadores e com o grupo da UFBA.

Outro momento emblemático refere-se a apresentação de um vídeo produzido enquanto as marisqueiras criavam suas mandalas, suas falas sobre o que significava a sua mandala, momento em que perceberam-se num movimento de construção e troca de saberes.

A construção da mandala mobilizou o grupo de mulheres a ponto de uma delas, não contente com a explicação dos estudantes sobre o significado da mandala, prometeu procurar no dicionário e no nosso encontro seguinte apresentar

a sua pesquisa. No encontro seguinte essa marisqueira nos levou um artefato em que sua mãe fazia o “andutil”, associando-o a mandala.

Cabe ressaltar que o artefato, um quadrado de madeira de aproximadamente 20cm, apregoado por pequenos pregos que formam vários círculos, possui a mesma forma de uma mandala. conhecida por alguns do grupo como “renda Tenerife”.



Figura 3 – Marisqueiras e integrantes do ACCS construindo a mandala



Figura 4 – Marisqueiras construindo a mandala



Figura 5 - Tábua de confeccionar a renda “andutil”

Os encontros seguintes foram carregados de histórias, relatos e “causos”, lembranças das avós que ensinavam a fazer presépios de barro, “urubu comendo carniça, doutor,”. A cultura local afluía, as narrativas transbordavam em discursos polifônicos, várias vozes... vários tempos... ficção... realidade...sonhos...mitos... lendas... registros em vídeo³³, no entanto, as conversas no canto de sala, os

³³ Ver no facebook: <https://www.facebook.com/groups/1405584013000771/>
<https://www.facebook.com/pages/ACCS-Marisqueiras-de-Pass%C3%A9/290579657753888?ref=hl>

segredos cochichados entre abraços, ficou registrada na memória de cada estudante.

Partindo do pressuposto de que a comunidade é um conjunto de indivíduos, a participação de cada uma das marisqueiras nas atividades propostas mostram o quanto a afirmação de cada uma se faz necessária para a transformação do olhar e consequentemente da postura. Podendo essa afirmação ser o primeiro passo para uma ação empoderadora. (ESTUDANTE DE PEDAGOGIA)



Figura 6 – Mandala das marisqueiras de Passé

“Acredito que todos ganharam com as atividades em Passé. Para mim especialmente, o trabalho com as marisqueira estimulou a escuta sensível. A academia por vezes traduz a seus estudantes uma visão de que lá está o conhecimento, de que o saber é construído somente de forma científica e por vezes nós, na posição de educadores tendemos a assumir tal postura e através de atividades como essas percebemos aquilo que o Professor Paulo Freire diz que ninguém sabe mais que ninguém somente existe saberes diferentes.

E para mim foi fundamental a experiência do ACC, ele me possibilitou um olhar diferenciado para a educação. Todos os estudantes que se pretendem educadores deveriam passar por essa experiência de ter esse contato tão lindo e profundo com uma outra cultura. enxergamos que a educação é um processo ainda mais amplo, e que se dá na vida, nas relações de trabalho, nos modos de ser e fazer cultura. (ESTUDANTE DE PEDAGOGIA)

4.2 A ESCRITA DO NOME COMO RECONHECIMENTO DE IDENTIDADE

O medo de falar e a timidez das mulheres começaram a ser vencidos após a oficina da mandala. A construção lúdica de um objeto que ao seu final produziu um sentido de pertencimento realçou a importância do trabalho colaborativo fora do espaço da maré³⁴, abriu espaço de confiança, cumplicidade e reconhecimento entre os grupos (UFBA e marisqueiras).

Diante do desejo de escrever o seu nome com letra bonita, expresso pelas marisqueiras, foi desenvolvida a oficina “*A escrita do nome*” momento em que o grupo de estudantes esclareceu para mulheres que não tínhamos tempo para alcançar o objetivo por elas desejado: uma caligrafia bem desenhada, mas que poderíamos iniciar discutindo que tão importante quanto escrever o nome é saber o que significa o nome, saber por que tem esse nome, a origem do nome.

Cada mulher e os estudantes começaram a desenhar e colorir seus nomes em grandes crachás, enquanto confeccionavam falavam sobre seus nomes, suas histórias. Nesse movimento as marisqueiras começaram a perceber em si a própria voz, de cada uma e de todas.

Estimular a memória do nome a partir dessa oficina foi a chave de abertura para as lembranças do passado e das infâncias de Passé. Tantas Marias e seus significados, cada Maria com sua voz, a passagem para o auto reconhecimento que da mulher que deseja ser ouvida, empoderando-se da sua voz.

Fizemos uma roda e começamos a cantar aquelas cantigas antigas “Sereia”, foi um dos momentos mais ricos que pude ter com aquelas senhoras, mulheres tímidas que começaram a cantar versos jamais visto por mim, começaram a aparecer vários sorrisos, gargalhadas e assim novos versos foram surgindo, outras senhoras entraram na roda e a roda ficou cada vez maior, ate aquela que não podia estar em pé por problemas de saúde e que estava do lado de fora da roda só observando, entrou na roda começou a cantar os versos que lembrava da sua infância. (ESTUDANTE DE PEDAGOGIA)

Empoderar às narrativas desse grupo feminino de trabalhadoras da pesca artesanal, como meio de desenvolvimento e formação humana articulando o papel tradicional da mulher, mãe e trabalhadora, constituiu-se num desafio teórico e

³⁴ Apesar de ser uma atividade solitária, as mulheres sempre vão mariscar em grupo e existe uma preocupação e cuidado com todas diante dos perigos que mangue oferece.

metodológico a ser experimentado. Para tanto foi seguida a trilha de Paulo Freire (1987), ao buscar uma práxis dialogada em que privilegiasse a oralidade, a expressão do pensamento e o que significa dizer a palavra, pois segundo Freire,

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão, mas se dizer a palavra verdadeira que é trabalho que práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isso ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dize-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo, não se esgotando portanto, na relação eu-tu. (1987, p.78)

Dessa forma as narrativas das marisqueiras mediatizadas pela proposta da dialogicidade de Freire começou a oportunizar o auto reconhecimento dessas mulheres enquanto sujeitos ativos e participantes sociais capazes de reconhecer e valorizar a sua prática como um saber fazer na perspectiva do protagonismo feminino.

Foi importante ver cada rosto daquelas marisqueiras, ouvir seus risos, sua forma simples e tão feliz de ver a vida. O que posso eu como educadora fazer diante de todas essas emoções? Só posso pensar que a educação, seja ela formal, informal, ou não formal, não pode estar desvinculada do amor, da afetividade, do tocar o outro, do entender as necessidades do outro, de colocar o ser humano em posição de horizontalidade independente de seu grau de instrução. Desta experiência ficou para mim mais que o desejo de promover uma educação pelo respeito, uma educação que produza significado para os educandos e que os valorize enquanto produtores de saberes e portadores de cultura. (SANDRA, ESTUDANTE DE PEDAGOGIA)

As mulheres marisqueiras ao expressar seu pensamento se fez assim uma oportunidade para que algumas, silenciadas pelas condições do contexto em que vivem, percebessem como produtoras de um discurso próprio e legítimo, que envolve ação e reflexão.

O registro audiovisual deste encontro foi apresentado para as marisqueiras, ao se reconhecer no vídeo, vendo e ouvindo os relatos, entre risos e exclamações essas mulheres começaram a perceber o poder da memória e do discurso para o fortalecimento de suas histórias, instrumento de valorização e reconhecimento do seu fazer de mariscar como uma prática de tradição, prova disso é que manifestaram o desejo da comunidade possuir um registro dos “causos” e histórias das marisqueiras de Passé. A criação de um *site*, *blog* e *facebook* surgiram nesse

momento. Tais materiais foram produzidos pelos estudantes e posteriormente apresentados durante uma reunião geral na colônia de pescadores.

Esta proposta de trabalho para a comunidade de marisqueiras significou dar voz a mulher e reconhecer a sua narrativa silenciada por processos que naturalizam o esquecimento do outro, neste caso as mulheres da pesca artesanal de Passé Candeias iniciaram seu processo de descoberta e libertação.

O desenvolvimento de oficinas/dialogadas de/e para marisqueiras seguiu no sentido de possibilitar uma formação multilateral dos estudantes, representada pelo domínio da interdisciplinaridade na perspectiva de uma formação integral que desenvolve no ser humano a capacidade de produzir e fruir ciência, arte, técnica, ampliando seu universo para outras possibilidades; seu intuito é fugir da concepção de formação apoiada a uma racionalidade técnico-instrumental cuja primazia é a dimensão prática voltada estritamente para o exercício profissional.

No caso específico do ACCS marisqueiras de Passé, pode-se perceber que tal estratégia oportunizou aos estudantes estabelecer considerações sobre as leituras de mundo, diferenciando a educação formal e não formal e os seus espaços de interlocuções. Possibilitou a escuta e o aprender com a marisqueira a partir da experiência de vida de cada uma.



Figura 7 - Varal da escrita do nome

4.3 ENCANTOS DE MARISCAR, UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO APRENDIZAGEM

O nível de confiança e autonomia desenvolvido pela marisqueiras ao longo das atividades desenvolvidas mobilizou todas as mulheres a nos oferecer, elas agora, uma oficina no mangue. Esta oficina promoveu a troca de lugares entre estudantes e marisqueiras, momento em que teve como resultado o protagonismo dessas mulheres.

Todos os estudantes passaram a vivenciar a experiência de mariscar dentro do mangue sob as instruções das marisqueiras, este evento possibilitou aos estudantes conviver intimamente com as mulheres no espaço delas.

Os relatos a seguir falam de sentimentos e reflexões acerca dessa vivência e seu impacto nos estudantes diante de sua formação.

Os fragmentos de relatos dos estudantes revelam-se fecundos de sentimentos, sensibilidades e segredos que dialogam com os aportes teóricos apresentados ao longo deste trabalho.

Esta atividade oportunizou o reconhecimento dos saberes das marisqueiras em diálogo com a universidade permitindo a construção, circulação e apropriação de conhecimentos.

Nesta linha argumentativa, a comunidade de saber das Mulheres pescadoras do Município de Passé se apresenta como interlocutora legítima na troca de saberes/conhecimentos para estabelecer diálogos com a Universidade, neste caso os estudantes da UFBA, evidenciado na Ecologia de Saberes que se centra em buscar o equilíbrio na relação entre os saberes produzidos pela prática social e os gerados pela ciência e academia, o ACCS Marisqueiras de Passé insere-se desta feita na prática de diálogos horizontais entre a academia e a comunidade de mulheres pescadoras, possibilitando ao estudante pensar a sua formação nessa perspectiva.



Figura 8 – O mar de Passé

“Peço licença aos leitores para começar com um poema sobre a minha experiência com as mulheres, a comunidade, o mar e o mangue de Passé”.

*Cantarolando passo passeando por Passé
Para lá e para cá
Passo aprender tudo aquilo que Passé veio me ensinar
Brincando de aprender eu quero é me debruçar.*

*Na alegria do Mangue eu quero é Mariscar
Para assim me sustentar.*

*No alfabeto o “A” é a primeira letra
Mas, sem o “B”, “C” e muito menos o “M”
Passé não iria continuar*

*O outro é meu, e eu sou outro
Só assim, para entender
A riqueza do nosso Mar.*

*E para lá e para cá
Continuarei a passear e levar
Tudo aquilo que Passé veio a me ensinar.*

(ESTUDANTE DE BI EM HUMANIDADES)

“Nas experiências e observações em Passé, pode ser visto inicialmente a bela riqueza daquele local, com uma variação de cores, com as diversas plantações, o mar, o mangue, entretanto é percebida a falta de cuidado do município perante aquele distrito, a cidade com escolas fechadas, ruas por muitas vezes com lixo, falta de saneamento básico e acredito que o mais tocante nessa contradição é ver estradas de tubos, até a chegada da cidade, tubulações da Petrobrás no meio da vegetação são vistas da estrada.” (ESTUDANTE DE BI DE ARTES)



Figuras 9 e 10– Estudantes chegando a comunidade de Passé



“Mariscar é uma prática artesanal que utiliza objetos de trabalho de baixo custo aquisitivo (monetário) e que tem para as marisqueiras de Passé um caráter não oficial de trabalho. Prática que é ensinada por gerações, passando de avós para mães e netas, que, muitas vezes, serviu e serve para subsistência familiar.

Talvez pela mariscagem ser realizada após todas as tarefas designadas à mulher, no contexto familiar, como cuidar dos filhos, cozinhar, lavar etc, ela não seja considerada pelas próprias como profissão, apesar de reconhecerem as dificuldades físicas a que são expostas, como o sol forte e principalmente as posições para a realização desse trabalho.

Muitas mulheres, em suas falas, revelam como aprenderam a mariscar e confessam não terem gostado, quando mais jovens, da necessidade de irem para o mangue com suas mães. Fatores econômicos e políticos podem ser um dos responsáveis para a não valorização da mariscagem em Passé, embora o trabalho

seja árduo, o custo na comercialização dos mariscos não valoriza os mesmos e as políticas nas leis previdenciárias são recentes quanto a assegurar o futuro das marisqueiras; com isso, não enxergam nessa atividade a possibilidade de promoção social.

Para muitas, a possibilidade de empregos em indústrias, como a Petrobrás, que exerce grandes atividades na região, é a melhor forma de trabalho digno e seguro para suas famílias.” (ESTUDANTE DE PEDAGOGIA)



Figura 11 - Marisqueiras na “coroa” em Passé³⁵.

“Pensando na esfera da saúde, a ACCS proporcionou uma reflexão muito importante. Pensar o problema dentro de um contexto é fundamental. Pretendo levar isso comigo durante minha atividade profissional. O médico que só medica a dor da marisqueira não está promovendo uma saúde ideal. As posições adotadas no ato de mariscar demandam muito da coluna, joelhos, pescoço. É preciso entender a atividade pra saber como tentar cuidar melhor daquela pessoa, nesse caso a mulher marisqueira. Ir ao mangue me possibilitou sentir no corpo as demandas que o ato de mariscar requer de uma marisqueira. Pensar alongamento, formas de catar os mariscos, as posições menos danosas, os cuidados com as facas, cortes com ostras e muitas outras coisas. Levarei essas experiências para o aperfeiçoamento do meu olhar com meus futuros pacientes. Fazer medicina numa comunidade irá requerer

³⁵ Foto: Gendley Nascimento

esse diálogo profundo com os pacientes. A saúde na comunidade está associada a inúmeros fatores, a própria cultura, os afazeres estarão envolvidos no processo saúde-doença.” (ESTUDANDE DE MEDICINA)

“Entramos no mangue e aprendemos as técnicas do mariscar com algumas mulheres que ali estavam, e as descobertas foram vindo com o tempo, como mariscar o “rala côco”, “tapú”, “sarlambim”.

As marisqueiras naquele momento foram percebendo a importância do seu conhecimento, daquela cultura, e que ali elas estavam como professoras, detentoras do conhecimento. Foi percebido também o respeito que as protagonistas tinham com aquele palco, pois é nele que elas cresceram e tiram o seu sustento, e nós como platéia tentamos interagir da melhor forma possível.

As detentoras das técnicas do mariscar parabenizaram a todos do grupo pelo o aprendizado e pelo empenho. Foi descoberto também, na ocasião, uma ONG que existe em Passé, que trabalha também com o marisco, tivemos um contato tanto com as mulheres da colônia quanto as mulheres da ONG.” (ESTUDANTE DE BI DE HUMANIDADES)



Figuras 11 – estudantes e marisqueiras em ação na oficina de mariscar

“Saímos de barco até o outro lado do mangue, fomos também a uma coroa próxima, onde deu para mariscar, comer ostra fresca, afundar o pé no mangue e até mesmo cair no mar. E encerramos essa visita com uma boa moqueca de siri e um bom peixe frito.” (ESTUDANTE DE NUTRIÇÃO)

“Um descrição de Paulo Freire dialoga muito com o que vimos durante as idas ao mangue:

O ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendê-lo, como equilibra para mais, para menos, a chama, como lidar com certos riscos mesmo remotos de incêndio, como harmonizar os diferentes temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro. (FREIRE, 2006, p.23-24)

O ato de mariscar também trará um conjunto de saberes, que talvez elas nem tivessem a dimensão e noção da existência, não porque não ser aprendido na escola, mas por ser comum para elas, algo do corriqueiro. O processo de mariscar requer um conhecimento sobre o mangue, seus caminhos, os melhores lugares, quais mariscos; requer um técnica, olhar preparado, instrumentos, equipamentos de proteção, etc. É nesse sentido que a relação de troca de saberes com a comunidade acontece.

O processo que fizemos partiu para mostrar que essa atividade (catar mariscos) faz parte de um contexto, de uma cultura, que tem um valor, que requer saberes. Dimensionar a pratica do marisco para a valorização do trabalho, da autoestima, gerando estímulo e fortalecimento da comunidade.

Em todas as atividades desenvolvidas foram notadas esse diálogo entre o saber da Universidade e o saber da Comunidade. Não houve valorização dos saberes (do institucional ou da comunidade), fizemos uma construção horizontal, uma troca.

A lógica Freiriana de que há saberes diferentes foi o que guiou o grupo. É nesse lugar que o estudante (seja de que área for) e a marisqueira se constituem educadores. É nele também que as mulheres da comunidade percebem que, apesar de não terem acesso à educação acadêmica, são detentoras de um saber, importante, cultural, próprio.

Ir ao mangue, “meter a mão na massa”, reconhecer e conhecer as culturas, a religiosidade, os mitos, medos, lendas, os saberes, as dores, foram parte do processo de conhecer a comunidade, de ser reconhecido por ela, falar “a mesma

língua”, entender o processo a partir da própria vivência. As idas ao mangue proporcionaram uma riqueza de informações. De fato, foram práticas educativas. A atividade de criação do blog, também foi muito importante para que elas se reconhecessem, se valorizassem, percebessem que seu trabalho era importante.

No último dia, na hora da despedida quando estávamos na praia, uma delas nos beijou de um a um, nos agradecendo pela viagem com elas não sabendo ela que os mais recompensados com essa atividade foram nós, e que aquele gesto beijar meu rosto me fez projetar todas as minhas futuras pacientes naquela marisqueira e acho que foi essa a grande influência que essa disciplina acarretará na minha futura prática profissional, o amor.” (ESTUDANTE DE MEDICINA)



Figura 12 – Estudantes e marisqueiras no mangue de Passé

“Segundo Eduardo Galeano (2005) a primeira condição para modificar a realidade, consiste em conhecê-la. A ACCS vem caminhando para conhecer a realidade das sociedades e vem alertando aos que já conhecem para poder atuar de forma adequada a cada situação. Contextualizando também com a frase de Hannah Arendt (1997) os direitos não são dados, mas sim um construído, apesar das poucas e curtas visitas acredito que construímos muito naquela comunidade, o intercâmbio de experiências e a troca de ensino foram agregados, mas acredito que podemos muito mais. Como apregoava Milton Santos (2000) “estamos fazendo ensaio do que será a humanidade”. (ESTUDANTE DE BI DE HUMANIDADES)

ASPECTOS CONCLUSIVOS

O ACCS Marisqueiras de Passé, ao cumprir a sua função de articular a Universidade em suas atividades de extensão com as comunidades de marisqueiras, revelou-se implicado não só em envolver marisqueiras e estudantes pela superação das diferenças e desigualdades sociais como também estabelecer relações de indissociabilidade entre o ensino e pesquisa no âmbito da universidade.

Dar sustentação acadêmica a um ACCS do formato Marisqueiras de Passé, com as condições objetivas materiais de trabalho acadêmico torna-se um desafio que somente um compromisso com o social tem levado professores, alunos e técnico administrativos a se dedicarem a manutenção desse diálogo com a sociedade e na perspectiva de elevar a extensão a categoria de inovação do ensino de graduação, com forte preocupação com a geração de conhecimentos construídos em conjunto com a sociedade.

Dentro desse escopo teórico se inserem a pesquisa ação, os projetos educativos, a pesquisa empírica como os apresentados nestes Programas de Extensão em parceria com as mulheres trabalhadoras da pesca tradicional. Entendendo-o como espaço formativo e de inovação metodológica, afastada da concepção assistencialista e vista como espaço e elemento gerador de conhecimento, construído tanto a partir da articulação com o estado, com os movimentos sociais, com as comunidades de pesca e com a sociedade de forma geral, portanto lugar por excelência de reflexão dos problemas sociais na formação do estudante universitário.

Entende-se com isso que a extensão deriva numa proposta de formação pensada na interdisciplinaridade e que tem como eixo articulador a comunidade. A partir desse viés torna-se possível refletir a extensão como uma prática concreta que viabiliza a pesquisa e sua sistematização. Uma prática que é formação e pesquisa, daí a sua indissociabilidade.

A partir do Programa de Extensão Maré de Saberes fez-se necessário o seu desdobramento como estratégia político educativa ao insistir na sua continuidade via um componente curricular ACCS, tal estratégia possibilitou reconhecer a extensão não somente como um discurso mas como uma prática a ser refletida.

Como foi sinalizado inicialmente neste trabalho, a extensão enquanto inovação pedagógica é uma iniciativa relativamente recente, e conduz a possibilidade de ser direcionada aos estudo dos grandes problemas nacionais e locais, possibilitando a participação das populações enquanto sujeito.

Tomando a realidade como referencia do fazer pedagógico a formação universitária, torna-se campo de experimentação tanto da aprendizagem colaborativa como na vivencia de problemas concretos da sua própria condição de sujeito, preparando-o para desafios futuros a serem enfrentados.

O protagonismo exercido pelos estudantes em realidades com carência de recursos favorece o desenvolvimento da liderança, da flexibilidade do trabalho em equipe, da solidariedade e da capacidade de lidar com incertezas.

Sendo assim entendemos que a extensão descortina as fronteiras culturais, sociais e individuais visto que possibilita a ampliação de novos horizontes ao preservar memórias e resgatar histórias, possibilita ir além da teoria diluindo a fronteira entre o eu e o outro já que se efetiva na interação de perspectivas diferentes. Possibilita o intercambio de saberes, é desafiador, pois promove um outro olhar para que desta forma possa transforma-lo.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Admário Luiz de. **Do Humanismo ao Assistencialismo: O CRUTAC no Estado Militar (1966-1985) (O Caso do Rio Grande do Norte e do Maranhão)**. Tese de doutorado Universidade Federal de Uberlândia , programa de pos graduação em educação – Uberlândia – MG. 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/820/1/HumanismoAssistencialismoCRUTAC.pdf> Acessado em 01 de Dez. de 2013.

ARENDT, H. **A crise na Educação**. In: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BANDEIRAS, Lourdes. Brasil - Fortalecimento da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres avançar na transversalidade da perspectiva de Gênero nas Políticas Públicas. Brasília, jan 2005. Disponível em: http://200.130.7.5/spmu/docs/integra_publ_lourdes_bandeira.pdf. Acesso em 25 jun 2013.

BRASIL. **Estatuto das Universidades Brasileiras**. Decreto 19.851 de 11 de abril de 1931. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/.../D40160.htm Acesso em 01 de Out. de 2013.

_____. **Lei nº 5.540 de 28 de novembro de 1968**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

_____. **Constituição** 05 de outubro de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm Acesso em 03 de Out. de 2013.

_____. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases**, n.9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm Acesso em 10 de Mar. de 2013.

_____. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: INEP, 1998. Online, <http://www.camara.gov.br> 03/02/2000.

_____. **Lei 10.172**, 09 de janeiro de 2001. Disponível em www.planalto.gov.br/.../leis/leis_2001/10172.htm Acesso em 27 de fevereiro de 2013.

_____. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria do Ensino Superior. **A indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flebilização curricular: uma visão da Extensão/Fórum de Pró Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**. Porto Alegre: Editora Universitária da UFRGS. 2006

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Superior. **Institucionalização da extensão nas universidades públicas brasileiras: estudo comparativo 1993/2004**. Fórum de Pró-Reitores de Extensão nas Universidades Públicas Brasileiras. Comissão Permanente de Avaliação da Extensão Universitária. 2ª ed. – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB; Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

_____. Ministério da Educação e do Desporto e Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Plano Nacional de Extensão- PNEExt. 2011-2020**. Disponibilizado no site <http://pdi.ufabc.edu.br/wp-content/uploads/2011/09/Plano-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-2011-2020.pdf>

CANCLINI, Néstor Garcia. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. **Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas de la Interculturalidad**. Barcelona: Gedisa, 2004.

COSTA, Ana Alice. A construção do pensamento feminista sobre o “não- poder” das mulheres. In: **As donas do poder: Mulher e política na Bahia**. Salvador: NEIM/UFBA – Assembleia Legislativa da Bahia, p. 19-46. 1998.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis. Ano 10, 1º semestre. 2002. p.171- 188.

DECLARAÇÃO E PLATAFORMA DE AÇÃO DA IV CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE A MULHER. **Relatório**, Pequim, 1995. Disponível em: http://www.feminismo.org.br/portal/index.php?option=com_remository&Itemid=&func=fileinfo&id=87>. Acesso em: 11 Set 2013.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Trad. Ruth M. Klaus. São Paulo: Centauro, 2002.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Coleção Extensão Universitária, vol. I** – Ilhéus: Editus, 2001. Disponível em: http://www.renex.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4&Itemid=5 Acesso em 23 de jul. 2013.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34a edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006a.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALEANO, Eduardo, “**501 Años de Cabeza Abajo**”, in Edgardo Lander (Org.), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciênciassociais*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, (2005)

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

MACEDO, RS., GALEFFI, D., PIMENTEL A. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/s6/pdf/macedo-9788523209278.pdf> Acesso em 13 de Nov. de 2013.

_____. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2004.

MACIEL Lucas Ramalho. Política Nacional de Extensão: Perspectivas para a Universidade Brasileira. In: **Revista Participação**, nº 18, 2010. <http://seer.bce.unb.br/index.php/participacao/issue/view/655/showToc> Acesso em 12 de Abr. de 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. “**Cultura y nuevas mediaciones tecnológicas**”. En *América Latina otras visiones desde la cultura*. Bogotá, Convenio Andrés Bello. 2005.

_____. **La educación desde la comunicación**. Bogotá, edit. Norma. 2003.

MATOS. Uilma Rodrigues de; SANDOVAL. Claudia Rozo; PORTELA. Regina Lúcia. Narrativas das Marisqueiras de Passe/Candeias: Expressão do Feminino no Discurso Silenciado. In: VIII COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE. 2013, Recife. **Anais eletrônico**. Recife: UFPE, 2013. Disponível em: <http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/viii-coloquio/paper/viewFile/256/202> Acesso em 22 de Dez. de 2013.

_____. Marisqueiras de Passé: a troca de saberes em comunidades. In: II SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UFBA. 2013. Salvador. **Anais eletrônico**. Salvador: UFBA. Disponível em: <http://www.semex2013.ufba.br/> Acesso em 17 de Dez. 2013.

MELO NETO, José Francisco de. Extensão universitária: em busca de outra hegemonia. **Revista de Extensão**. Ano 1, no. 1, junho de 1996. Editora da Universidade Federal da Paraíba, João pessoa, 1996.

_____. **Extensão universitária - uma análise crítica**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. Extensão Universitária no Brasil: uma Revisão Conceitual. In: FARIA, Doris Santos de (org). **Construção Conceitual da Extensão na America Latina**. Brasília: Editora UNB, 2001.

PIMENTEL, Álamo. **O encontro e a troca: ensaios de antropologias do aprender e genealogias do conviver**. Salvador: EDUFBA, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. (P.777 – 821). In: **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

_____. **A universidade do Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória**. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Milton. O Espaço do Cidadão. São Paulo: Nobel, 2000 .

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SARDENBERG, Cecília M. B. MACEDO Márcia. **Relações de gênero: uma breve introdução ao tema**. <http://pt.scribd.com/doc/52253940/Introducao-a-genero-marcia-e-cecilia-revisado> site visitado em 13/05/2011.

SARAIVA. José Leite. **Papel da extensão universitária na formação de estudantes e professores** -, Revista Brasília Médica . Brasília Med, pp. 220-225, 2007 agosto de 2007- páginas 225 a 233-

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1991.

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire**. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf. Acesso em: 19 Set. 2012.

SILVA. Maria Reginalda Soares da; CABRAL. Carmen Lúcia de Oliveira. **Etnopesquisa crítica: caminho (método) epistemológico e metodológico para se fazer uma pesquisa qualitativa em educação**. 2010. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT_02_16.pdf Acesso em 17 de Dez. de 2013

SILVA, Mariana Andrea da. **Concepções de extensão universitária: o Ufba em campo**. Salvador-Ba, 2011. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11050/1/Mariana%20Andrea.pdf>

SIMONDON, Gilbert. **El modo de existência de los objetos técnicos**. Argentina: Prometeo, 2008.

_____, **A individuação à luz das noções de forma e de informação: Introdução**. Tradução de: SIMONDON, Gilbert. 2005. Introduction. In: L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information . Paris: Édition Jérôme Millon, pp. 23-36 [1958]. Tradução de Pedro Ferreira, supervisão Laymert García.

TOKARSKI, Carolina Pereira. **Com quem dialogam os bacharéis em direito da Universidade de Brasília?: a experiência da extensão jurídica popular no aprendizado da democracia**. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Direito)- Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

ANEXO A - Referencias bibliográficas utilizadas em discussões nos encontros presenciais de formação no Programa de Extensão Maré de Saberes. 2010/2011

REFERENCIAS

BANDEIRAS, Lourdes. Brasil - **Fortalecimento da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres avançar na transversalidade da perspectiva de Gênero nas Políticas Públicas**. Brasília, jan 2005. Disponível em:

http://200.130.7.5/spmu/docs/integra_public_lourdes_bandeira.pdf Acesso em 25 jun 2010.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) **CENSO POPULACIONAL, 2010**. (29 de novembro de 2010). Página visitada em 20 de junho de 2011.

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>

_____. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Rede de Saberes. Alfabetização de Pescadores Artesanais. Informações, reflexões e pistas metodológicas na formação de educadores**. Rio de Janeiro: CEDAC, 2004.

BRUNET, Joana Maria Soler. **Aratus, caranguejos, síris e guaiamuns, animais do manguezal: uma etnografia dos saberes, técnicas e práticas dos jovens da comunidade pesqueira de Baiacu** (Ilha de Itaparica – Ba. 2006. 163f. Dissertação (Mestrado em Ensino, História e Filosofia das Ciências) Instituto de Física-Instituto de Biologia-Faculdade de Filosofia/UFBA, Dep.de Ciências Humanas e Filosofia; Ciências Exatas; Física/UEFS. Disponível em:

<http://www.ppgefhc.ufba.br/dissertacoes/joana2003.pdf>. Acesso em: 04 Mai. 2011.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

CAMARGO, Eder ; PIERO, Alexandre ; ONÇA, Luciano. **Economia da Cultura e Extensão Universitária**. São João Del Rey, Malta. 2010

CHODOROW, Nancy. Estrutura Familiar e Personalidade Feminina. **In A Mulher a Cultura e a Sociedade: Michelle Zimbalist Rosaldo e Louise Lamphere**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

DIEGUES, A.C. **O mito moderno da natureza intocada**. 3ª. ed. São Paulo: Editora Hucitec. 2001.

ENGUITA, Mariano Fernandez. **A face oculta da escola. Educação e Trabalho no Capitalismo**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas. 1989

FLAX, Jane. Pós-Modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista. In: Buarque de Hollanda, Heloisa (org.) **Pós-Modernismo e Política**. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.

GADOTTI, Moacir. **Economia Solidária Como Práxis Pedagógica**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

KEUNZER, Acácia. **A pedagogia da Fábrica**. Cortez Editora. SP. 1989

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador: EDUFBA, 2004.

_____. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

OLIVEIRA, Neusa Maria; Rainha das águas e dona do mangue: um estudo do trabalho feminino no ambiente marinho. **Revista Brasil Estudos Pop**, Campinas, 10 (1/2) 1993.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher**. Relatório, Pequim, 1995. Disponível em: http://www.feminismo.org.br/portal/index.php?option=com_remository&Itemid=&func=fileinfo&id=87 Acesso em: 11 Set 2009.

PRETTO, Nelson De Luca e Luiz Felipe Perret (Orgs). **Expressões de Sabedoria – Educação, Vida e Saberes, Mãe Stella de Oxossi, Juvany Viana**. Salvador EDUFBA, 2002.

ROSALDO, Michelle Zimbalist. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. **Revista Horizonte Antropológico**, ano I, n. 01. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

SANTOS, Mario Alberto dos. A experiência vivida na reserva extrativista marinha Baía de Iguape/Ba: diálogo de saberes, planejamentos, educação e autonomia. **Rev. on line: Caminhos de Geografia**. Uberlândia/MG, v. 9, n. 27 set/2008. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html> Acesso em: 12 Set. 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre 16(2): 5 – 22. jul/dez. 1990.

SILVA, Luciene Assunção, **mulheres marisqueiras e o uso de “novas” tecnologias no recôncavo baiano – uma reflexão crítica feminista sobre as intervenções do estado em comunidades tradicionais**. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277871472_ARQUIVO_artigofinalpfaz_endogenero9.pdf Acesso em 27 de jun. 2010.

WOORTMANN, Ellen F. Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades pesqueiras do Nordeste. **Revista Brasileira de Ciência Sociais**, n. 18,p.41-60 1992.

ANEXO B - Levantamento preliminar durante visitas às comunidades.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE EXTENSÃO MARÉ DE SABERES - 2011

Comunidade			Data	
Nome			1. Estado Civil	
2. Grau de Instrução	3. Idade	4. Tempo Mariscagem	5. N° Filhos	
			M()	F()
6. Quem mora com você?				
7. Seus filhos estão na escola?			8. Quantos mariscam?	
9. Quantas pessoas são sustentadas com esse ganho?				
10. Qual o lucro mensal com a venda do marisco?				
11. Você tem outra atividade além de mariscar? Sim() Não()				
12. Você sabe ler? Sim() Não()				
13. Você sabe escrever? Sim() Não()				
14. Onde você aprendeu? Família() escola() outros()				
15. Você acha que o que você já aprendeu é suficiente? Sim() Não()				
16. A educação é importante para: Ter uma profissão () Ter conhecimento () Melhorar a situação financeira () Não tem importância nenhuma ()				
17. Estudar é fácil ou difícil para você?				
18. O que você gostaria de aprender?				
19. O que mais te marcou na sua experiência escolar?				
20. Pratica alguma religião?				
21. Algum órgão já forneceu cursos de higiene, capacitação?				
22. Tem vínculo com alguma organização social, qual?				
23. Realiza alguma atividade de lazer, qual?				
24. Recebe algum incentivo da prefeitura, governo?				
25. Como é comercializado esse marisco: Vendem direto () Atravessador ()				
Nome / Assinatura				

ANEXO C – Banner das oficinas na comunidade de Passé





UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO I

DISCIPLINA: EDCH08 - ACC	EQUIPE	CARGA HORARIA
Práticas Educativas em EJA e Desenvolvimento Humano em Comunidades Tradicionais: Marisqueiras de Passé Candeias	UILMA RODRIGUES – COORD. SILVIA MARIA A. LEITE – PROFª CLAUDIA ROZO SANDOVAL - PROFª REGINA LÚCIA PORTELA - MONITORA	68 H




A disciplina tem caráter optativo e articula suas ações em três dimensões: formação de estudantes de graduação, intervenção socioeducacional nas comunidades de marisqueiras e produção de conhecimento. Tais ações pretendem diálogos entre a Universidade e a comunidade tradicional de pesca artesanal de Passé Candeias, enfatizando a educação, o empoderamento e a valorização da mulher trabalhadora articuladas aos três eixos fundantes da proposta: conhecimento institucional, gênero e memória e tecno cultura com aportes teóricos e metodológicos da *Ecologia de Saberes*.

OFICINAS

ARTESANATO DO MANGUE:
 Criar artefatos com materiais recolhidos no mangue utilizando diversas técnicas artesanais.





MEMÓRIA E CORPO:
 A partir de exercícios corporais refletir sobre corpo e memória na perspectiva de valorizar a mulher marisqueira como parte importante de uma comunidade que possui tradição e ocupa um lugar na sociedade.

ORÇAMENTO FAMILIAR:
 O propósito é contribuir na incorporação de práticas simples de administração dos recursos familiares para facilitar a gestão doméstica.



LETRAMENTO: A ESCRITA DO NOME
 A proposta é desenvolver a produção escrita das participantes promovendo a sua expressão oral e escrita em espaços sociais.



FALAR EM PÚBLICO:
 A importância da comunicação oral como empoderamento da mulher marisqueira.





Três eixos articulam as ações do ACC

➤ **Conhecimento institucional:** Este eixo procura refletir sobre os conhecimentos da comunidade, levando em conta o contexto de trabalho das marisqueiras, suas necessidades e demandas, tendo como objetivo relacionar as condições particulares da comunidade com os processos de ensino propostos pelas instituições dedicadas a educação formal (alfabetização e letramento, competências iniciais de ensino fundamental e de ensino médio) mediante a realização de oficinas.

➤ **Gênero e Memória:** É interesse deste eixo manter a reflexão constante na perspectiva de gênero que possibilite às mulheres marisqueiras o reconhecimento da importância de seu papel para seu desenvolvimento pessoal, familiar e comunitário. Nesta perspectiva a ativação da memória constitui um dispositivo de empoderamento.

➤ **Tecno-cultura:** O propósito deste eixo é refletir com a comunidade sobre a tecnologia e sua relação com a cultura, identificando a perspectiva histórica e a compreensão da tecnologia como mediação entre a espécie humana e a natureza, com o interesse de evidenciar as técnicas vinculadas às práticas de mariscar e os saberes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:
 CANCLINI, Néstor Garcia. *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2008.
 FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
 _____. *Pedagogia do Oprimido*, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
 MACEDO, Roberto Sidnei. *A Etnopesquisa crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação*. Salvador: EDUFBA, 2004.
 SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
 SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

ANEXO D – Ementa de ACCS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO I**

DISCIPLINA: EDCH08 - ACC - Práticas Educativas em EJA e Desenvolvimento Humano, em Comunidades Tradicionais: marisqueiras de Passé Candeias-

**UILMA AMAZONAS - COORDENADORA
SILVIA MARIA A. LEITE – PROFESSORA**

**CLAUDIA ROZO SANDOVAL – ESTÁGIO DOCENTE - DOUTORADO
REGINA LÚCIA PORTELA - MONITORA**

CARGA HORÁRIA: 68 h

EMENTA

Trata-se de um componente curricular oferecido aos diversos cursos da UFBA na modalidade EDC-HO8-ACC-Práticas Educativas em EJA e Desenvolvimento Humano: as marisqueiras de Passé. A disciplina tem caráter optativo e articula suas ações em três dimensões: formação de estudantes de graduação, intervenção sócio-educacional nas comunidades de marisqueiras e produção de conhecimento, agregando qualificações, competências, habilidades, criatividade e inovação. As ações de cunho sócio-educacional pretendem a criação e cooperação político-pedagógica entre as demandas docentes e discentes da Universidade e as comunidades de marisqueiras enfatizando o empoderamento e a valorização da mulher trabalhadora da pesca na perspectiva da inclusão digital, sustentabilidade, educação ambiental, visando não somente o protagonismo, mas também com o avanço da escolaridade das mulheres associando a troca de conhecimento entre a Universidade e essa comunidade, baseada dentre outros, em aportes teórico e metodológico do conceito de ecologia de saberes.

OBJETIVOS

- 1- Contribuir na formulação e implementação de projetos interdisciplinares na comunidade de mulheres da pesca tradicional.
- 2- Desenvolver ações socioeducativas, levando em conta o contexto e as demandas levantadas com a comunidade em relação às práticas de mariscagem e os processos de formação e desenvolvimento humano.
- 3- Relacionar as práticas da mariscagem como técnica, enquanto dispositivo de saber que ativa as dimensões da memória, gênero e identidade sócio cultural.

CONTEÚDOS

Os conteúdos se apresentam através de quatro eixos temáticos, só de maneira descritiva, eles estão interconectados no desenvolvimento da proposta formativa.

1.- **Conhecimento institucional**

- 1.1. Letramento e alfabetização
- 1.2. Competências iniciais de ensino fundamental
- 1.3. Competências iniciais de ensino medio

2.- **Gênero Memória**

- 2.1. Ecologia de saberes: memória e cultura
- 2.2. O saber/poder nas relações de gênero
- 2.3. Alfabetização, Letramento e Cultura Local

3.- **Tecno Cultura**

- 3.1. Relação cultura e tecnologia
- 3.2. Saber técnico: a mariscagem como técnica
- 3.3. Técnicas e tecnologias contemporâneas: tecnologia digital

4.- **Projetos Interdisciplinares**

- 4.1. O projeto como estratégia formativa
- 4.2. Estrutura de projetos interdisciplinares
- 4.3. Monitoramento e sustentabilidade

METODOLOGIA

De forma colaborativa professoras e alunas refletirão os conteúdos da disciplina articulando os textos de referência aos depoimentos das visitas técnicas/pedagógicas contextualizando os conteúdos teóricos discutidos em sala às vivenciais na comunidade, na perspectiva da valorização e autonomia dos grupos de trabalho e suas atuações em campo.

A metodologia proposta para o processo formativo que orienta as ações com a comunidade prevê além da formação e reflexão sobre educação em comunidades tradicionais, serão realizadas oficinas temáticas, elaboração de projetos específicos, trabalho de aprofundamento e intervenção na comunidade.

Oficinas: com todos os integrantes de equipe, as quais têm como propósito: socializar e esboçar a formulação coletiva dos projetos de intervenção com e para as mulheres marisqueiras; fundamentar teoricamente as ações de ensino, pesquisa e extensão desde perspectivas epistemológicas e teóricas previstas neste ACC; propor monitoramento e avaliação permanente do processo, como componente chave para a sistematização da experiência.

Trabalho de aprofundamento nos eixos do projeto segundo os conteúdos descritos.

AValiação

Terá caráter processual, considerando os seguintes aspectos:

ITENS A SEREM AVALIADOS		Valor
1	Conteúdos teóricos formativos, leitura, discussões e reflexões.	2,0
2	Elaboração de projetos educativos.	1,5
3	Interação e atuação na comunidade no desenvolvimento dos projetos.	2,5
4	Relatório Final, abrangendo o trabalho desenvolvido na disciplina e na comunidade.	4,0
Total		10,0

CRONOGRAMA

Atividades de Formação/Orientação/Reflexão - (28horas) – O

Atividades de Campo - (40 horas) – C

DATAS	ATIVIDADES	Carga Horária	Natureza da atividade
	Apresentação da proposta da ACC. Organização da dinâmica de trabalho. Orientações para estudos de fundamentação teórico-metodológica. Apresentação de bibliografia.	4 horas	O
	Leitura e discussão do texto (um discurso sobre as ciências de Boaventura Sousa Santos) Orientações para registros em caderno de campo e elaboração de roteiros específicos de observação/análise para posterior sistematização do relatório.	4 horas	O
	Visita a Passé - Candeias: Colônia de Pesca Z54. Observação participante na comunidade. Levantamento de dados. Divisão de grupos de trabalhos para atuar em oficinas pedagógicas.	8 horas	C
	Planejamento de ações para a Comunidade de Marisqueiras.	4 horas	O
	Planejamento de ações para a Comunidade de Marisqueiras.	4 horas	O
	Planejamento de ações para a Comunidade de Marisqueiras.	4 horas	O
	Trabalho de campo na comunidade, desenvolvimento de atividades específicas por grupos e desenvolvimento de oficinas pedagógicas.	8 horas	C
	Avaliação de atividade. Planejamento da próxima ação.	4 horas	O
	Trabalho de campo na comunidade, desenvolvimento de atividades específicas por grupos e desenvolvimento de oficinas pedagógicas.	8 horas	C

	Trabalho de campo na comunidade, desenvolvimento de atividade. Avaliação de ações e ajustes. (o encontro da aula será na comunidade no contra turno) Desenvolvimento de oficinas pedagógicas.	8 horas	C
	Trabalho de campo na comunidade, desenvolvimento de atividade.	8 horas	C
	Relato das experiências em campo e apresentação de alternativas e propostas novas. Organização e análise dos registros de campo da atividade desenvolvida, visando subsidiar a elaboração do relatório. Orientações para elaboração de relatório das experiências. Sistematização dos registros de campo para compor o relatório final da disciplina e organização da apresentação oral.	4 horas	O
	Encerramento de atividades na comunidade. Confraternização com a comunidade.	8 horas	C
	Apresentação dos trabalhos pelas equipes. Encerramento da disciplina.	4 horas	O
Total		68 horas	

Obs: sugestão de datas que podem ser alteradas a depender da dinâmica das Atividades de campo

BIBLIOGRAFIA

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2012.

NASCIMENTO. Eurípedes Costa do **A produção de conhecimento e verdade no Contemporâneo**. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922010000900008&script=sci_arttext Acesso em 14/11/2012.

SARDENBERG. Cecilia M. B. MACEDO. Márcia S. **Relações de Gênero: Uma Breve Introdução ao Tema**. NEIM/UFBA. <http://pt.scribd.com/doc/52253940/Introducao-a-genero-marcia-e-cecilia-revisado> Acesso em 20/12/20012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CANCLINI, Néstor Garcia. Latino-americanos à procura de um lugar neste século. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas de la Interculturalidad, Barcelona, Gedisa. 2004.

COSTA, Ana Alice. A construção do pensamento feminista sobre o “não- poder” das mulheres. In: *As donas do poder: Mulher e política na Bahia*. Salvador: NEIM/UFBA – Assembleia Legislativa da Bahia, p. 19-46. 1998.

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Trad. Ruth M. Klaus. São Paulo: Centauro, 2002.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

_____. *Pedagogia do Oprimido*, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Orgs. *Pedagogias da sexualidade in: O corpo educado*.

LOURO. Guacira Lopes; WEEKS. Jeffrey; BRITZMAN. Deborah; HOOKS. Bell; PARKER. Richard; BUTLER. Judith. Traduções: SILVA. Tomaz Tadeu. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MACEDO, Roberto Sidnei. *A Etnopesquisa crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação*. Salvador: EDUFBA, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. “Cultura y nuevas mediaciones tecnológicas”. En *América Latina otras visiones desde la cultura*. Bogotá, Convenio Andrés Bello. 2005.

_____. *La educación desde la comunicación*. Bogotá, edit. Norma. 2003.

_____. *De los Medios a las Mediaciones*. Bogotá, edit. Convenio Andrés Bello, 1998.

OLIVÉ, León, *La ciencia y la tecnología en la sociedad del conocimiento. Ética, política y epistemología*, México, Fondo de Cultura Económica. 2007.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto, Afrontamento, 1988 (15ª edição); Também publicado no Brasil, São Paulo: Editora Cortez, 2010.

_____. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. (P. 777 – 821). Em *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

_____. *A universidade do Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória*. São Paulo: Cortez, 2004.

SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: SOS Corpo, 1991.